

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

EMMILI VITORIA DA SILVA

**OS MOVIMENTOS SOCIAIS E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS: UMA
ANÁLISE DO “INTERNACIONALISMO” DESENVOLVIDO PELO MST (2022-2025)**

São Cristóvão

2025

EMMILI VITORIA DA SILVA

**OS MOVIMENTOS SOCIAIS E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS: UMA
ANÁLISE DO “INTERNACIONALISMO” DESENVOLVIDO PELO MST (2022-2025)**

Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado ao Departamento de Relações Internacionais na Universidade Federal de Sergipe como requisito para obtenção do grau de bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Cairo Gabriel Borges
Junqueira

São Cristóvão

2025

EMMILI VITORIA DA SILVA

**OS MOVIMENTOS SOCIAIS E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS: UMA
ANÁLISE DO “INTERNACIONALISMO” DESENVOLVIDO PELO MST (2022-2025)**

Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado ao Departamento de Relações Internacionais da Universidade Federal de Sergipe como requisito para obtenção do grau de bacharel em Relações Internacionais.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Cairo Gabriel Borges Junqueira

Orientador - UFS

Profa. Dra. Bárbara Vasconcellos de Carvalho Motta

Examinadora interna – UFS

Professor Dr. Rodrigo Barros de Albuquerque

Examinador Interno – UFS

Dedico este trabalho a minha mãe, a minha avó e a minha tia (*in memoriam*), três mulheres que, apesar da pouca oportunidade, nunca deixaram de me ensinar sobre as lições de casa e da vida, e entre batalhas, resistências e orações, me proporcionaram a realização de um sonho. Essa conquista é nossa!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, a Nossa Senhora, aos meus guias e a toda energia que me sustentou e me guiou até aqui. Lembro-me de pedir fervorosamente para conquistar o sonho de entrar em uma universidade e hoje posso vivenciar a conclusão desse ciclo.

Agradeço a minha mãe, responsável por vivenciar as minhas conquistas e frustrações desde a primeira sílaba lida até a última frase escrita nesse trabalho, por me incentivar mesmo que de longe e as vezes sem precisar dizer uma só palavra, por lutar sem medir esforços pela minha felicidade e meu sucesso.

Agradeço a minha avó, por me incentivar a buscar por aquilo que parece ser o certo, por ensinar sobre coragem, por escutar as minhas experiências vividas nesse processo e aplaudir até os pequenos passos dados, por rezar diariamente para que esse ciclo fosse concluído com êxito e por sempre acreditar na minha capacidade.

Agradeço a minha tia (*in memoriam*), por ter me acolhido como filha desde criança, por ter me ensinado sobre força, por estar sempre na minha memória e no meu coração me encorajando a lutar por meus objetivos, gostaria de sentir seu abraço me dizendo o quanto esse sonho era seu também.

Agradeço a minha família, por acreditarem no meu potencial e por participarem desse sonho. Cada conselho, cada preocupação e cada ação realizada ao decorrer desses anos serviram como motivação.

Agradeço aos amigos que cativei ao longo dessa jornada, por todas as longas conversas sobre o futuro e as teorias da conspiração, pelas risadas altas e exageradas tarde da noite acompanhada de intermináveis partidas de uno ou dominó, pelas novas experiências, por todo o carinho e acolhimento nos momentos difíceis e por tornar o processo mais leve. Em especial, ao meu amigo Pedro, responsável por me apresentar o MST, objeto de estudo deste trabalho.

Agradeço aos colegas de turma, por todas as aflições compartilhadas pós provas e seminários, por todos os trabalhos realizados em equipe e pela troca de aprendizados ao decorrer do curso.

Agradeço ao meu orientador Cairo, por topar me orientar, estar sempre á disposição e compartilhar comigo um pouco do seus ensinamentos. Agradeço ao professor Rodrigo e a professora Bárbara, por aceitar o convite de compor a banca e expor suas considerações valiosas.

Agradeço ao Departamento de Relações Internacionais e aos professores que contribuíram para minha formação acadêmica. Agradeço a UFS e a todos que colaboram para o funcionamento da instituição.

RESUMO

No Brasil, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) utiliza-se do internacionalismo como forma de desenvolver suas práticas internacionalistas. A presente pesquisa tem o objetivo de analisar a agenda das atividades e ações internacionais do MST entre 2022 e 2025 através das Brigadas Internacionais e da Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF) que visam garantir o processo de internacionalismo. Para isso, o estudo se baseia na combinação entre a revisão de literatura e a análise de conteúdo, estruturada pela abordagem qualitativa. No que se refere à revisão, explicamos o processo de contextualização dos movimentos sociais, do internacionalismo e do MST, tendo em vista seus autores clássicos, enquanto a análise de conteúdo determina as atividades e ações realizadas pelas Brigadas Internacionais e pela ENFF por meio das publicações realizadas no site oficial do Movimento, no Instagram e na plataforma de streaming de áudio Spotify. Os resultados estão balizados sob a elucidação da agenda que resgata os princípios do internacionalismo, além da inserção de novas características pautadas nos ideais do Movimento.

Palavras-chave: Movimento Social; Internacionalismo; MST; Brigadas Internacionais; ENFF.

ABSTRACT

In Brazil, the Landless Workers' Movement (MST) uses internationalism to develop its internationalist practices. This research aims to analyze the MST's international activities and actions agenda between 2022 and 2025 through the International Brigades and the Florestan Fernandes National School (ENFF), which aim to ensure this process of internationalism. To this end, the study is based on a combination of literature review and content analysis, structured using a qualitative approach. The review explains the process of contextualizing social movements, internationalism, and the MST, considering their classic authors. While the content analysis determines the activities and actions carried out by the International Brigades and ENFF through publications on the Movement's official website, Instagram, and the audio streaming platform Spotify. The results are based on the elucidation of the agenda that revives the principles of internationalism, in addition to the insertion of new characteristics based on the Movement's ideals.

Keywords: Social movement; Internationalism; MST; International Brigades; ENFF.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIP	Internacional People's Assembly
ATES	Assistência Técnica e Extensão Rural Popular
BCTF	Sindicato BC Teachers Federation
CAMP	Centro de Assessoria Multiprofissional
CISL	Confederação Internacional dos Sindicatos Livres
CONIC	Conselho Nacional de Igrejas Cristãs
CONTAG	Confederação dos Trabalhadores na Agricultura
CPT	Confederação Pastoral da Terra
CSI	Confederação Sindical Internacional
CSI-AF	Organização Regional Africana
CSI-AP	Organização Regional da Ásia-Pacífico
CSEM	Conselhos Sindicais de Empresas Mundiais
CUT	Central Única dos Trabalhadores
ELAA	Escola Latino Americana de Agroecologia
ENFF	Escola Nacional Florestan Fernandes
ESCRnet	Rede Internacional de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais
ETN	Empresas Transnacionais
FSG	Federações Sindicais Globais
FSM	Federação Sindical Mundial
IMS	Indústria de Movimento Social
MS	Movimento Social
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
OMS	Organização de Movimentos Sociais
OPAO	Organização dos Países da África Ocidental
PROINPA	Produtores Integrales del Páramo
SMS	Setor de Movimento Social
STR	Sindicatos dos Trabalhadores Rurais
TMR	Teoria de Mobilização de Recursos
TMP	Teoria de Mobilização Política
TNMS	Teoria dos Novos Movimentos Sociais

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	A INTERNACIONALIZAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS	14
2.1	O estudo clássico dos movimentos sociais	14
2.2	O estudo contemporâneo dos movimentos sociais	19
3	O PROCESSO DE INTERNACIONALISMO E O MST	27
3.1	O contexto histórico do internacionalismo	27
3.2	O conceito de internacionalismo e a sua relação com o MST	32
4	O INTERNACIONALISMO DESENVOLVIDO PELO MST	40
4.1	As Brigadas internacionais	40
4.2	A Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF)	47
4.2.1	Visitas	47
4.2.2	Práticas pedagógicas	52
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
6	REFERÊNCIAS	67

1 INTRODUÇÃO

A ascensão do capitalismo causou uma série de efeitos em diferentes âmbitos da sociedade, a exemplo da exploração do trabalho, das mudanças climáticas e da desigualdade, as quais foram responsáveis por expor a necessidade de criação de novos movimentos sociais, pautados principalmente nas temáticas trabalhistas, ambientalistas e humanitárias. Inicialmente, tais movimentos foram definidos de acordo com um conjunto de estudos representados por uma base teórica de cinco correntes desenvolvidas a partir de 1949, que utilizavam de temáticas voltadas para as reações psicológicas e ideologias homogeneizadoras de um indivíduo ou de um grupo que possuía as mesmas necessidades sociais (Gohn, 1997).

Com o impacto da globalização, os movimentos sociais passaram por uma série de transformações e os estudos sobre o tema se modificaram simultaneamente, as principais mudanças ocorridas diziam respeito principalmente aos seus novos interesses, o que despertou uma análise mais detalhada quanto a sua definição. Apesar de não apresentar unanimidade quanto ao conceito, as contribuições de Gohn (2000) parecem resumir bem todo o processo acerca dos estudos dos movimentos sociais, definidos pela autora como:

Ações coletivas de caráter sociopolítico, construídas por atores sociais pertencentes a diferentes classes e camadas sociais. Eles politizam suas demandas e criam um campo político de força social na sociedade civil. Suas ações estruturam-se a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em situações de: conflitos, litígios e disputas. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva ao movimento, a partir de interesses em comum. Esta identidade decorre da força do princípio da solidariedade e é construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo (Gohn, 2000, p. 13).

Todo esse aparato foi essencial para que os movimentos enxergassem a chance de expandir suas ideologias para o sistema internacional na tentativa não só de obter reconhecimento global, considerando a importância da área de Relações Internacionais (RI) na contemporaneidade, como também aumentar o seu campo de atuação e obter novos aliados. Tais fatores despertaram na área de RI a necessidade de analisar esses movimentos sociais, reconhecendo a sua contribuição no que se refere à opinião pública internacional e a sua influência nas possíveis transformações que ocorrem nos âmbitos político, econômico e social (Marx, 2015).

Nesse rol de análise, a presente pesquisa analisa o objeto de estudo proposto levando em consideração o Internacionalismo. Dentre as diversas formas de ação, ele se sustenta sob uma base consolidada, principalmente quando se trata do chamado internacionalismo

proletário, definido como o processo de organização das forças proletárias para combater o capital global (Lowy, 1998). Defendido inicialmente por Karl Marx e Friedrich Engels, o internacionalismo proletariado ocupa um papel que fortalece as lutas sociais do século XXI. Conhecido como um meio essencial de transformação social, a diversidade de organizações e movimentos criados na tentativa de caracterizar e fortalecer o internacionalismo desenvolvido por Marx e Engels demonstra a trajetória e o desenvolvimento desse fenômeno (Lowy, 1998). Dessa forma, cabe ressaltar que a compreensão de ocupar uma posição desproporcional no sistema vigente, os riscos que tal posição traz para a classe trabalhadora e a inconformidade pela opressão sofrida a partir do reconhecimento dessa posição são algumas das razões que concretizam o internacionalismo e caracteriza as lutas sociais contemporâneas.

No Brasil, o movimento que enfatiza as mudanças econômicas na sociedade, denominado como Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), tem se destacado nos últimos anos. Com o objetivo de modificar a realidade através da reforma agrária, o MST desenvolveu uma agenda que se baseia nos critérios do internacionalismo. Nessa perspectiva, cabe mencionar que a criação do Movimento já se pautava em desenvolver determinado vínculo internacional, visto que ter uma base de construção baseada em experiências revolucionárias e resistências populares mundiais era um fundamento que justificava o interesse e os esforços realizados para manter uma aproximação com o meio internacional. Nesse contexto, o internacionalismo, baseado em seus princípios de Solidariedade Internacional e de mudança econômica mundial, se entrelaça com os objetivos do MST.

Dessa forma, com a criação das Brigadas Internacionais e da Escola Florestan Fernandes (ENFF), o MST impulsionou o internacionalismo como determinante na agenda executada pelo Movimento. Nesse processo, uma série de ações e atividades realizadas visam manter o princípio de Solidariedade Internacional, além de caracterizar o fenômeno do internacionalismo com outros princípios que incorporam os ideais do Movimento. Dado o exposto, é possível enfatizar a importância de analisar as práticas internacionalistas do MST não só considerando o fator da conquista de espaço que os movimentos sociais tiveram na agenda de investigação das RI como também trazendo a possibilidade de visibilidade para o Movimento, suas resistências, ideologias e lutas, além de minimizar os estereótipos desenvolvidos pela falta de conhecimento sobre tais movimentos.

Nesse viés, questiona-se: quais agendas principais pautaram o internacionalismo do MST entre 2022 e 2025? Para responder tal pergunta, faz-se necessário analisar as temáticas presentes nas atividades e ações internacionais do MST entre 2022 e 2025, período justificado pelo fomento das publicações sobre as Brigadas internacionais e a Escola Nacional Florestan

Fernandes (ENFF). Para isso, o trabalho estrutura-se em três capítulos: o primeiro analisa a internacionalização dos movimentos sociais, focando na análise das teorias e no conceito; o segundo busca compreender teoricamente o conceito de internacionalismo ligado ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra; o terceiro visa explorar a agenda temática do internacionalismo desenvolvido pelo Movimento em si.

No que concerne o primeiro e o segundo capítulo, a estruturação das informações foram determinadas através da revisão bibliográfica, enfatizando as bibliografias mais comentadas nos estudos de cada termo. O terceiro capítulo contou com a análise de conteúdo proposta por Bardin (2016) que pode ser definida como “um conjunto de técnicas de análises das comunicações [...], que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) de mensagens” (Bardin, 2016, p. 41). Nesse sentido, as informações adquiridas foram retiradas do site, do Instagram e do Spotify do MST, seguindo a lógica de classificação das publicações mais pertinentes de acordo com os objetivos do trabalho, de modo que a análise de cada publicação e as interpretações se voltam para a sustentação do argumento central.

2 A INTERNACIONALIZAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

O estudo dos movimentos sociais remete às primeiras ações consideradas coletivas na história da humanidade, a cada transformação que a sociedade sofria, os escritos acerca dessas ações acompanhavam tal mudança. Ao decorrer do tempo, a divisão desses estudos em dois momentos fez-se necessária: o primeiro diz respeito às teorias voltadas para a compreensão do comportamento humano e as suas motivações para se tornar parte de um grupo. Por volta de 1930, com a intensificação dos estudos da Sociologia nos Estados Unidos, esse modelo passa a ganhar visibilidade, desenvolvendo cinco correntes teóricas sobre os movimentos sociais, “amparando-se em emoções coletivas, e tom sombrio, ressoando o contexto de avanço dos regimes totalitários” (Alonso, 2009, p. 50). A partir de 1960, novas mobilizações começam a surgir tanto na Europa quanto nos EUA e o cenário passa a se modificar, sendo necessário um novo estudo sobre os movimentos, o que deu espaço para três teorias, denominadas como: a Teoria da Mobilização de Recursos (TMR), a Teoria da Mobilização Política (TMP) e a Teoria dos Novos Movimentos Sociais (TNMS).

Dessa maneira, cabe ressaltar que a ideia de movimentos sociais perpassa uma série de estudos, em que cada um busca analisar tais movimentos de acordo com sua perspectiva pessoal e ideológica. Essa lógica esclarece a necessidade de pontuar alguns pensamentos e explorar as contribuições mais relevantes acerca da temática. Inicialmente, no que tange aos movimentos sociais e as ações coletivas, cabe ressaltar a diferenciação entre tais conceitos, de modo que, apesar do primeiro ser considerado uma ação coletiva, isso só ocorrerá se tal ação se apresentar contra uma dominação social (Touraine, 2006). Assim, as primeiras ações coletivas consideradas como movimentos sociais se desenvolveram por meio de reações psicológicas e ideologias homogeneizadoras de um povo que possuía as mesmas necessidades sociais (Gohn, 1997). Nessa perspectiva, é preciso também considerar as características da sociedade descrita para compreender se a ação coletiva é ou não considerada um Movimento Social, mais especificamente, é preciso levar em consideração que cada sociedade terá diferente organização e conflitos, e que tais características serão primordiais para definir a luta contra uma dominação social (Touraine, 2006, p. 18-23).

2.1 O estudo clássico dos movimentos sociais

Gohn (1997) especifica cinco correntes teóricas acerca da ação coletiva, sendo a primeira originária da Escola de Chicago, responsável por uma das obras primárias que tratavam dos movimentos sociais naquele período (1949). A segunda corrente apresentava nomes influentes como Le Bon, antropólogo francês que determinava em suas produções os movimentos sociais como elementos que iam contra o modernismo, conceituado aqui como a ideia de romper com o passado e adotar novas estéticas que estivesse ligadas a tomada de decisão consciente. A terceira corrente apresentava uma perspectiva voltada para as ideias marxistas, principalmente no que diz respeito às “relações sociais de produção” e à compreensão do que seriam os movimentos revolucionários. Enquanto a quarta corrente apresentava o objetivo de analisar minuciosamente como o comportamento coletivo se tornaria uma ação coletiva de grande proporção, a quinta corrente, apesar de não ser considerada influente para sua época, gerou determinada importância, principalmente no que diz respeito a sua divisão dos movimentos sociais para os estudos da atualidade.

Das cinco correntes mencionadas, três retratam de forma específica os movimentos sociais e merecem uma análise mais detalhada. A Escola de Chicago foi uma das pioneiras no estudo dos movimentos sociais, que, a partir de um caráter reformista e baseado nos estudos psicossociais, desenvolveram uma produção teórica pautada na “concepção de mudança social, “desenvolvimento da comunidade” e o “processo de participação e educação” (Gohn, 1997, p. 27). Assim, a mudança social almejada precisaria de lideranças comprometidas com a reforma da sociedade, criando ao longo da sua trajetória instituições que fossem capazes de dar andamento às transformações iniciadas. Essas lideranças deveriam estar envolvidas nas necessidades sociais dos povos, além de entenderem o conflito como algo natural que precisava ser trabalhado, e é por meio da manobra desses conflitos que surge a ideia de movimento social (Gohn, 1997).

De modo simplificado, esses movimentos surgiram através da necessidade de lidar com os conflitos por meio da desmobilização, que para ser realizada com sucesso precisaria de um líder compreensivo e integrado que conseguisse dividir as pautas principais do povo por meio da criação de instituições. Em outras palavras, os movimentos seriam transformados em organizações capazes de lidar com os problemas da sociedade, sendo conceituados como: “ações advindas de comportamentos coletivos conflituosos” (Gohn, 1997, p. 29). Esse tipo de movimento desenvolvido pela Escola de Chicago é enfatizado em outros trabalhos realizados na sequência, de modo que, Blumer (1951 apud Gohn, 1997), importante teórico no estudo dos movimentos sociais, denomina tal movimento descrito como específico, ou seja, se caracteriza por possuir organização, valores e regras bem definidas, além de possuir um líder consciente e

conhecido entre o povo. Para o autor, esse tipo de movimento passaria por alguns estágios: inquietação individual, inquietação popular, formalização e institucionalização. No primeiro estágio o líder internaliza a mudança como algo fundamental, no segundo os objetivos são definidos, no terceiro é organizado as regras e políticas, enquanto o último é responsável por solidificar a personalidade e a ação dos propósitos do Movimento (Blumer, 1951 apud Gohn, 1997).

Para além das contribuições da Escola de Chicago acerca dos primeiros estudos sobre os movimentos sociais, a segunda teoria, mais conhecida como “sociedades de massa”, voltou seus estudos para a análise do comportamento coletivo das massas. Le Bon (1895) foi uma das inspirações para a produção dessa teoria propondo uma investigação do comportamento humano e sua capacidade de agir e reagir aos acontecimentos da sociedade sob a perspectiva das massas. Primeiramente, o autor buscou compreender as características psicológicas das multidões, de modo que, quando os indivíduos são inseridos em uma sociedade os seus comportamentos passam a refletir uma mentalidade coletiva, mesmo que cada um tenha modos de vida diferentes. Le Bon separa o gênio humano em dois elementos: consciente, que forma o caráter e diferencia uns dos outros, e inconsciente, que se forma a partir das relações em sociedade e tem a capacidade de caracterizar instintos e sentimentos, tornando tais características comum entre todos os indivíduos, fazendo com que “o heterogêneo seja submerso pelo homogêneo, e as qualidades inconscientes prevaleçam” (Le Bon, 1895, p. 12).

Nessa perspectiva, é possível exemplificar algumas causas que expliquem a prevalência de umas qualidades sobre outras. A primeira análise trata-se do sentimento de “poder invencível” que a multidão dá ao indivíduo, ele se sente seguro e capaz de agir, pois será mais difícil que alguma autoridade tenha a capacidade de conter suas ações. A segunda diz respeito ao contágio, esse contágio ocorre quando o indivíduo tende a deixar de lado seus interesses pessoais para ir de encontro ao interesse coletivo, os atos e pensamentos formados a partir da multidão se espalha de uma pessoa para outra como um fenômeno de ordem hipnótica. A terceira análise diz respeito ao estado especial que o indivíduo se encontra ao fazer parte de uma multidão em ação, para o autor, esse estado se assemelha a fascinação que ocorre em um processo de hipnose, de modo que “com a atividade cerebral paralisada no caso do sujeito hipnotizado, este se torna escravo de todas as atividades inconscientes de sua medula espinhal, que o hipnotizador dirige à vontade” (Le Bon, 1895, p.13).

Dessa maneira, foi por meio de tais considerações de Le Bon que a segunda teoria sobre os movimentos sociais no paradigma clássico acrescentado ao cenário político da época (1900-1939) enfatizou a sua atenção aos movimentos não democráticos e a incapacidade das massas

de manter um pensamento crítico sem que houvesse uma alienação acerca dos componentes sociais, políticos e econômicos da época. Dessa forma, as massas passaram a se caracterizar como “apáticas, incapazes de discriminação, biopáticas e escravas, como resultado da supressão de sua vitalidade” (Tarrow, 1994, p. 82 apud Gohn, 1997, p. 36).

Outrossim, a terceira teoria surge trazendo uma abordagem sociopolítica, em outras palavras, essa teoria buscava compreender os movimentos como elementos essenciais em períodos de reforma ou revolução e precisava de uma estruturação política dos acontecimentos para análise das mudanças sociais que seriam necessárias. O estudo inicial era pautado na luta de classes e de produção, trazendo um viés marxista para a discussão. Marx (1974), por sua vez, analisa a luta de classes, caracterizada pela união dos trabalhadores contra o sistema capitalista com intuito de obter transformações sociais. A luta mencionada é um exemplo da atividade coletiva de pessoas que apresentavam o mesmo incômodo com o sistema vigente, o mesmo intuito de mudança social e que, por meio da revolução, poderiam conseguir o objetivo desejado. Para além da perspectiva econômica, Rudolf Herbele (1951), importante teórico da época, buscava compreender os movimentos sociais sob uma lente sociológica e política, na medida que fosse necessária a distinção dos movimentos que têm um amplo valor histórico daqueles que podem ser considerados menores, além de enfatizar o seria grupo corporativo e de interesse.

Herbele utilizava alguns critérios para distinguir quando um grupo poderia ser considerado um Movimento Social: “consciência coletiva, pertencimento ao grupo, solidariedade e identidade” (Herbele, 1951, p. 7). Ele ainda enfatizava a necessidade dos movimentos sociais possuírem duas funções essenciais, que, resumidamente, estaria voltada para a criação de uma propósito geral e a participação ativa nas decisões políticas de uma sociedade, de modo que servissem como um ponto essencial para detectar quais insatisfações acontecia e quais seriam as medidas cabíveis.

Outra discussão apresentada pelo autor diz respeito ao “senso de comunidade”, que seria capaz não só de analisar os líderes e lideranças nacionais, como também os diferentes movimentos encontrados na sociedade, mais especificamente, os movimentos sociopolíticos. O senso comunitário, ao ir de encontro com o autoritarismo e o totalitarismo, estaria ameaçado e poderia ocasionar uma desintegração social. Por outro lado, o autor acredita que quando as funções dos movimentos sociais são bem feitas, este Movimento se torna uma instituição (Herbele, 1951).

Assim, ao decorrer das teorias apresentadas é possível observar determinadas semelhanças nos estudos dos autores, que enxergavam os movimentos sociais como fenômenos

coletivos, responsável por desenvolver um reconhecimento de pensamentos parecidos, possuir uma liderança que iria agir de acordo com a vontade comum do grupo, além de apresentar alguma insatisfação. Essa insatisfação diz respeito majoritariamente à ordem vigente na sociedade e as ações tomadas coletivamente se relacionam com mudanças sociais para o bem estar geral, que, ao ser reconhecido, transformam esses movimentos em instituições que irão prosseguir na luta pela ideologia defendida.

Apesar de estar voltada para o estudo das ações coletivas, a quarta e a quinta teoria retratam alguns pontos interessantes sobre os movimentos sociais no paradigma clássico que necessita de determinada atenção. No que concerne à quarta teoria, os movimentos sociais seriam caracterizados como “um objeto estranho, exterior aos sujeitos históricos” que ao mesmo tempo “teriam uma história natural, já que estariam respondendo a impulsos e manifestações interiores” (Gohn, 1997, p. 40). Ademais, trata-se também de uma análise positivista realizada por cientistas sociais, que, dividiam os movimentos em três ordens: cultural, social e política. Resumidamente, estes movimentos ainda apresentavam a insatisfação em relação à ordem vigente como principal característica para sua criação, já que essa ordem se modificaria de maneira lenta, causando desorganização social. Por outro lado, em sociedades bem integradas e sem necessidade de mudanças, esses movimentos sociais apareciam menos. Assim, tal análise compreende um paralelo entre um “indivíduo feliz, integrante versus indivíduo desajustado, marginal” (Gohn, 1997, p. 42).

Esse paralelo abre caminhos para duas vertentes que diz respeito as mudanças ocorridas nos estudos clássicos dos movimentos sociais, a primeira pode ser exemplificada por meio das três teorias iniciais, em que retrata como ocorre a criação de tais movimentos, focando principalmente em aspectos sociais, psicológicos e políticos. A segunda vertente é caracterizada pelas contribuições da quarta teoria, que modifica o objetivo desenvolvido nos estudos anteriores. Assim, o invés de explicar como os movimentos sociais se formam e quais as suas contribuições para a sociedade, agora, esses movimentos se tornam determinante para caracterizar se essa sociedade é estável, enfatizando a necessidade de análise entre a relação dos movimentos sociais e a marginalidade.

Nessa perspectiva, a quinta teoria busca relacionar as duas vertentes através de um estudo baseado em elementos organizacionais-comportamentalistas para abordar os movimentos de classes. Tais movimentos estariam divididos em dois: de status, “voltados para si próprios, para alcançar ou manter o prestígio do grupo” e expressivos, “marcados pela procura de metas relacionadas com descontentamentos” (Gusfield, 1966, p. 23 apud Gohn, 1997, p. 48). De maneira geral, essa teoria não desenvolveu nenhum estudo específico dos

movimentos sociais, mas foi crucial para o desenvolvimento da próxima teoria que marca o início de novos tempos para tais movimentos, mais especificamente, o estudo contemporâneo da temática discutida (Gohn, 1997).

2.2 O estudo contemporâneo dos movimentos sociais

Foi a partir de 1960 que o estudo contemporâneo iniciou uma série de análises que perdura até a atualidade e tem como meta principal a formação de teorias que visam compreender o funcionamento dos diferentes movimentos sociais que se formaram ao longo da história. No geral, três principais teorias foram desenvolvidas, sendo elas: a Teoria da Mobilização de Recursos (TMR), a Teoria da Mobilização Política (TMP) e a Teoria dos Novos Movimentos Sociais (TNMS).

No que concerne à TMR, sob a perspectiva das teorias contemporâneas Norte-Americanas, é uma teoria que busca explicar os movimentos sociais que passam a surgir a partir de 1960 sob uma análise de categoria econômica. Tal teoria enxerga os movimentos como “grupos de interesses” que utilizam “os recursos humanos, financeiros e a infraestrutura variada” como variável crucial para o seu desenvolvimento (Gohn, 1997, p. 51). Os principais autores que abordam a TMR são três: Olson, Zald e McCarthy, de modo que os últimos exploram o pensamento do primeiro para formulação de suas ideias. Olson concentra seus estudos nos grupos de interesses, enquanto Zald e McCarthy adotam tal conceito para desenvolver a análise de que os movimentos sociais podem ser considerados um grupo de interesse que possui competição e captação de recursos como principais métodos para garantir seus objetivos (Gohn, 1997).

Nessa medida, “os movimentos seriam estimulados não apenas pelos interesses de seus membros, mas também pelos agentes governamentais, entidades particulares e muitas outras organizações interessadas na promoção do produto-objeto de demanda do movimento” (Gohn, 1997, p. 52). Os movimentos deveriam se organizar de modo que seus líderes estivessem preparados para lidar com as demandas internas e as mobilizações de caráter externo, sendo necessário uma competição não só com outros movimentos, como também com organizações que tivessem o mesmo objetivo: conseguir arrecadações para realização de seus tarefas. Assim, com relação às mobilizações, Zald e McCarthy entendem que existem duas categorias: os movimentos de conflitos e os de consenso. Resumidamente, os primeiros buscam uma mudança mais profunda, que envolve uma modificação em determinado eixo da sociedade, seja ele

social, econômico, político ou cultural. Já os segundos buscam apenas uma expansão de alguns desses eixos, sem necessariamente contrariar a ordem vigente (Zald; McCarthy, 2017).

Outrossim, outros conceitos debatidos pelos autores devem ser analisados com relação à TMR. O primeiro diz respeito à própria definição do que seria Movimentos Sociais (MS), que pode ser entendido como a junção das duas categorias exploradas anteriormente, enquanto o segundo conceito se refere à “Organização de Movimento Social (OMS)” que pode ser formal ou complexa, de modo que irá “identificar seus objetivos com as preferências de um Movimento Social ou um contra movimento e implementá-los” (Zard, McCarthy, 2017, p. 13). Ademais, quando há um conjunto dessa OMS, responsáveis por abranger as preferências de um movimento social em sua totalidade, temos uma Indústria de Movimento Social (IMS) e, quando se considera todas as IMS de uma sociedade, “independentemente dos movimentos sociais a que estão ligados”, temos o Setor de Movimento Social (SMS). Zard e McCarthy, por meio da formulação de hipóteses, trazem tais conceitos para abordar a TMR de maneira mais específica. No geral, são onze hipóteses e cada uma busca relacionar a estrutura social, os Movimentos Sociais, SMS, IMS e OMS.

Em relação à primeira hipótese, é possível verificar uma ligação com o aumento dos recursos em uma sociedade, mais especificamente, quando ocorre uma ampliação desses “recursos disponíveis¹ dos públicos de massa e de elite, também aumenta a quantidade absoluta e relativa de recursos para o SMS” (Zard; McCarthy, 2017, p. 22), vale ressaltar que o SMS apresenta pouca prioridade para usufruir de tais recursos. Assim, diversos fatores, como as tecnologias, transportes, comunicação e opiniões políticas podem interferir na utilização desses recursos pelo SMS. A hipótese 2 é uma consequência da primeira, de modo que, quanto mais recursos estiverem disponíveis para SMS, “maior será a probabilidade de novas IMS e OMS se desenvolverem para competir por esses recursos” (Zard; McCarthy, 2017, p. 24), na medida em que:

Estas duas proposições tentam explicar o crescimento total do SMS. Elas ignoram variações no interesse pela mudança ao longo do tempo. Elas nada indicam sobre qual IMS vai colher os benefícios da expansão do setor. Nem indicam que tipos de OMS vão liderar o crescimento de uma IMS em expansão. Elas ignoram explicitamente a relação entre o tamanho do SMS e as intensidades de preferências dentro de um MS (Zard; McCarthy, 2017, p. 24).

A hipótese 3, por sua vez, irá tratar sobre os aderentes, que resumidamente, são indivíduos e organizações que compactuam com a ideologia do Movimento Social, sendo

¹ Recursos disponíveis para Zard e McCarthy diz respeito ao “tempo e dinheiro que podem ser facilmente realocados, sendo o oposto de compromisso fixo e duradouro de tempo e dinheiro” (Zard, McCarthy, 2017, p. 22).

alguns “aderentes beneficiários” e outros que não recebem diretamente nenhum benefício, chamados de “aderentes conscientes”. A hipótese 3 acredita que “quanto maior a quantidade de recursos disponíveis para os aderentes conscientes, mais provável é o desenvolvimento de OMS e IMS que respondam às preferências de mudança” (Zard; McCarthy, 2017, p. 25). A hipótese 4 traz os constituintes como ponto principal, em outras palavras, trazem os fornecedores de recursos de uma OMS, que ao não ser federada e depender de constituintes isolados, terão menos fluxo de recursos (Zard; McCarthy, 2017).

Deste modo, sob perspectiva da hipótese 5, “quando uma OMS tenta ligar os constituintes conscientes e beneficiários à organização através de estruturas e incentivos solidários, provavelmente terá altos níveis de tensão e conflito” (Zard; McCarthy, 2017, p. 36). Ademais, a hipótese 6 está interessada em compreender a capacidade das OMS mais antigas, visto que tais OMS apresentam uma capacidade maior de persistirem no processo de consolidação e enfraquecimento da IMS se comparadas às mais recentes. A hipótese 7 observa as IMS sob a justificativa de que quanto maior a competição em uma IMS, “mais provável que as novas OMS ofereçam objetivos e estratégias mais restritas” (Zard; McCarthy, 2017, p. 40).

Outrossim, a hipótese 8 traz dois conceitos relacionados à organização de um Movimento Social, o “quadro”, que se refere aos indivíduos que participam das tomadas de decisões e a “equipe”, responsável por trabalhar em uma tarefa específica. Assim, quando o fluxo de renda de uma OMS aumenta, a probabilidade de que o quadro e a equipe sejam profissionais e de que tenha um aumento nesses grupos se intensifica. No que concerne à hipótese 9, “quanto maior o SMS e maiores as IMS específicas, mais provável é o desenvolvimento das carreiras nos MS” (Zard; McCarthy, 2017, p. 49). Essas carreiras podem ser conceituadas como a diversidade de cargos, seja por quadros profissionais ou aderentes. A hipótese 10 retoma a ideia de uma OMS ser financiada por constituintes isolados, o que irá direcionar os constituintes beneficiários para tarefas estratégicas e não organizacionais. A hipótese 11, direcionada sob a lógica da hipótese anterior, delimita que as equipes transitórias serão formadas com mais facilidades se houver mais trabalhadores que demandem seu tempo a uma OMS (Zard; McCarthy, 2017).

As hipóteses mencionadas são essenciais para compreender como se deu o viés teórico da TMR, que foi obtendo determinadas críticas ao decorrer dos estudos dos movimentos Sociais. De maneira breve, Margit Mayer (1992) desenvolveu uma crítica que retrata a incapacidade da teoria em enxergar a sociedade com todas as camadas e relações que ela possui, na verdade, tal teoria está interessada apenas em analisar como funciona a organização

estratégica dos movimentos sociais, sendo que essa organização divide a sociedade em elites e não elites e as estratégias utilizadas não possui a capacidade de se aplicar em um tempo e espaço diferente do que foi escrito. Ademais, a autora enfatiza a exclusão de alguns papéis importantes para se analisar os movimentos sociais, como as normas, fatores emocionais e de crença, de modo que a TMR passa a negligenciar as carências e as insatisfações, além de apresentar falhas quanto aos processos políticos existentes nos movimentos.

Outras críticas foram surgindo e demonstrando a necessidade de criar uma teoria que suprisse as lacunas que a TMR possuía. Assim, a partir dos anos 70, a Teoria da Mobilização Política (TMP) passou a ganhar espaço nos estudos dos movimentos sociais, e, como o próprio nome indica, é uma teoria que tem como principal objeto de análise os processos políticos e culturais dos movimentos sociais, principalmente daqueles que estavam ganhando força na época, como os de temáticas ambientais, das mulheres e dos LGBTQIAPN+. Vários estudiosos escreveram sobre a TMP, porém, Tarrow, por possuir uma análise mais abrangente acerca do assunto, será trabalhado ao decorrer da explicação sobre tal teoria.

Nos seus estudos, Sidney Tarrow buscou responder o porquê dos indivíduos se mobilizarem e qual o papel da linguagem, dos símbolos e das mensagens nesse processo. Assim, é possível compreender que os movimentos sociais irão trabalhar em busca de um significado que vai além da procura por recursos, como afirmava a TMR, para ele, a mobilização de recursos seria crucial para o desenvolvimento de campanhas efetivas. O autor sugere que a análise minuciosa da organização, das ações e não ações e das mensagens elaboradas pelos líderes são pontos cruciais para entender os movimentos, diferentemente da mentalidade e cultura política, que são apenas ideias e trazem determinada dificuldade de observação. O sucesso desses movimentos estariam nas tomadas de decisões iniciais, na mobilização de indivíduos e nas alianças feitas ao longo do tempo (Gohn, 1997).

Sob uma análise política, Tarrow traz o conceito de “ciclos de protestos” para explicar o processo político e sua capacidade de inovação. Inicialmente, é preciso determinar o que são ciclos para o autor, de modo que será definido como a intensificação dos conflitos e disputas no meio social, enquanto ciclos de protestos seriam o agravamento desses conflitos que vão além do meio social e econômico, abrangendo locais de grandes e pequenas extensões, longe ou próximos da territorialidade urbana, além de também possuir a capacidade de criação de novos movimentos ou organizações, que mais tarde, atuarão como competidores. Esses ciclos são essenciais para lutar por novas metas e por intimidação e irão se intensificar após o surgimento de novas oportunidades políticas na sociedade (Tarrow, 1994).

Ademais, o autor determina quatro elementos primordiais no processo de criação dos movimentos sociais, sendo eles: oportunidades políticas, repertórios, redes e marcos referenciais. As redes são um ponto crucial, pois por meio de uma análise política e de solidariedade darão sustentação para que os movimentos sigam com capacidades de mobilização. Outro ponto importante diz respeito às estruturas de mobilização, que estão ligadas em explicar o processo de formação e a interação dos grupos e das redes. Além disso, para Tarrow, a mídia e a imprensa possui forte contribuição na expansão das imagens, ideologias e símbolos dos movimentos, o que pode promover o interesse de novos públicos (Tarrow, 1994).

Retornando as primeiras correntes acerca do estudo clássico dos movimentos sociais como forma de comparação, Tarrow (1994) traz um pensamento que converge com a quarta teoria, mais especificamente com a análise feita por cientistas sociais positivistas. Nas duas teorias, é possível analisar o papel do Estado como contribuinte ou não no aparecimento dos movimentos sociais, nessa medida, quanto mais o Estado for “forte e centralizado” menos esses movimentos sociais irão aparecer, Tarrow ainda acrescenta que o Estado fornece finalidades para a mobilização desses movimentos. Outro fator diz respeito à mudança na sociedade, que será analisada pelo autor levando em consideração os seus impactos sobre os movimentos e não como um objetivo a ser alcançado, assim como afirmava o estudo clássico. Dessa forma, Considerando as proposições analisadas, a definição dada por Tarrow (1994) para Movimento Social pode ser entendida como “Os movimentos caracteristicamente montam desafios contenciosos por meio de ações diretas disruptivas contra elites, autoridades, outros grupos ou códigos culturais” (Tarrow, 1994, p. 12).

A TMP, assim como a TMR também obteve determinadas críticas realizadas por autores da primeira teoria como Zald e McCarthy e por uma autora com trabalhos mais recentes como Gohn. Sob primeira análise, Zald e McCarthy enfatizam que as oportunidades políticas podem produzir determinada atuação nos movimentos sociais, porém, essas oportunidades são vistas mais como consequência da relação entre os movimentos do que como o responsável por criar tais movimentos, assim, o que vai de fato designar sucesso ou não aos grupos são as decisões tomadas por eles. Ademais, Gohn contribui para tal crítica acrescentando que a TMP possui uma grande “dependência” de outras teorias americanas, o que leva a não superação do reducionismo e utilitarismo, este último aparece principalmente quando a teoria traz fatores econômicos para discussão. Assim:

Ao mesmo tempo em que há uma grande liberdade e possibilidade de criação de fatos novos (...) há também uma lógica sistemática que ignora os projetos políticos-ideológicos dos diferentes grupos sociais e sua situação no processo

de produção dos bens sociais, econômicos e simbólicos-culturais da sociedade (Gohn, 1997, p. 113).

Por esses motivos, autores europeus passaram a se dedicar na escrita de uma teoria que, apesar de se apresentar simultânea à TMP, passou a ser reconhecida após as críticas levantadas sobre a teoria discutida anteriormente. A TNMS apresenta estudos de diferentes ênfases, por isso, faz-se necessário a discussão de três teóricos essenciais para o entendimento dessa “heterogeneidade”, sendo eles: Claus Offe, Alain Touraine e Alberto Melucci. No que concerne aos estudos de Claus Offe, a perspectiva econômica volta ao foco, para o autor, existem dois modelos de ação coletiva, o antigo e o atual, o primeiro caracterizado pela busca por maior ascensão econômica e melhorias materiais através de esforços internos e externos, sendo este último ligado aos acordos ou relações com outros grupos sociais. O segundo modelo inclui a grande maioria dos novos movimentos que surgiram nos últimos tempos, lutam por liberdade e atuam internamente. Desse modo, Offe busca por meio desses dois modelos fazer uma análise que aborda fatores macro e micro discutidos ao decorrer do estudo dos movimentos sociais (Offe, 1988).

Touraine, por sua vez, trata sobre o “paradigma acionalista”, nele, os movimentos sociais são vistos como um ator coletivo, de modo que tais movimentos possuem um papel fundamental na sociedade, inclusive, determinando centralidade no estudo da Sociologia consoante o autor. Ademais, o desenvolvimento desses grupos se dão a partir da teoria do conflito e podem desencadear diferentes objetivos, sejam por mudança, construção, reconstrução e outros fatores que levam a integração dos mais diversos âmbitos da sociedade, sejam eles político, social, cultural e, excepcionalmente, econômico. É por meio dos conflitos e da organização das classes que o autor irá analisar porque determinadas ações sociais tendem a apresentar a participação de movimentos, indo mais além, é preciso entender que a luta é para mudar não “a direção dos meios de produção e sim pelas finalidades das produções culturais, que são a educação, os cuidados médicos e a informação de massa” (Touraine, 1994, p. 257).

Por fim, Alberto Melucci traz a ideia da identidade coletiva para agregar no debate da TNMS, a sua intenção é analisar de forma minuciosa o comportamento individual nos movimentos sociais. O autor enfatiza a importância da teoria da ação coletiva, conceituada como condutas sociais acrescentado a habilidade humana de dar sentido ao que se faz, de modo que possuem quatro sistemas: de produção, político, organizacional e o sistema de mundo da vida, que retorna a importância de observar os fatores psicológicos do indivíduo em grupo. Assim, a criação dos movimentos não estaria pautada na existência de qualquer conflito, mas sim na disputa de diferentes atores por algo de interesse comum, que ocorre na grande maioria

das vezes em ações de características organizacionais ou políticas. Seguindo a lógica de Touraine, Melucci divide os movimentos em três: reivindicatórios, político e de classe. O primeiro está pautado na transformação normativa e de recursos, o segundo se concentra mais na participação política e o último nas transformações de classe e no modo de produção. Nesse sentido, o autor define os movimentos sociais como “ uma forma de ação coletiva (a) baseada na solidariedade, (b) desenvolvendo um conflito, (c) rompendo os limites do sistema em que ocorre a ação.” (Melucci, 1989, p. 57).

Nesse sentido, fica evidente que o estudo contemporâneo dos movimentos sociais vai se desenvolvendo ao decorrer do tempo através da mudança de perspectivas. Quando se fala da perspectiva econômica, a TMR tem um estudo centralizado com Zard e McCarthy (2017), que retrata a economia sob uma análise de arrecadação de recursos baseado em uma relação amigável entre o Estado, os entes governamentais e as classes sociais pertencentes a sociedade que o caracteriza, diferentemente do que retrata Offe (1988) na TNMS, que assume a responsabilidade dos movimentos de agirem internamente pela busca por liberdade, de modo que a relação entre o Estado e os movimentos sociais, dependendo das medidas adotadas pelo Estado em determinados períodos, pode ser caracterizada como difícil. Touraine (1994) e Melucci também destacam a economia, porém, no primeiro as considerações estão voltadas para os princípios iniciais retratados pela área, em que os meios de produção se destacam e o segundo lida com os movimentos que estejam voltados à luta de classes como uma classificação que se distingue da reivindicatória e da política.

A perspectiva política se apresenta de forma sutil nos escritos de Zard e McCarthy (2017), aparecendo no processo organizacional do movimento, enquanto na TMP, apresentada por Tarrow, a política é vista como um meio crucial para entender e justificar as escolhas tomadas pelos participantes e pelos líderes, para o autor, cada gesto, fala e decisão é político e deve ser analisado como forma de compreender os movimentos sociais. Ademais, a TNMS aborda a perspectiva política principalmente por meio de Melucci, que acredita em uma divisão específica para aqueles movimentos caracterizados sob os ideais políticos. A perspectiva cultural se apresenta nas duas primeiras teorias como uma parte integrante dos movimentos, mas não demandam atenção prioritária para tal perspectiva. Na TNMS, Touraine acredita que a cultura pode ser motivo de aproximação de grupos que possuem a capacidade se tornarem movimentos sociais. Assim, verifica-se que as três perspectivas são essenciais para formação, desenvolvimento e atuação desses movimentos, cada uma com suas transformações que serão abordadas de acordo com as ideologias de cada autor.

Dado o exposto, Gohn busca desenvolver um conceito que se aproxima das mudanças ocorridas na literatura que estuda os movimentos sociais, de modo que podem ser definidos como:

Ações coletivas de caráter sociopolítico, construídas por atores sociais pertencentes a diferentes classes e camadas sociais. Eles politizam suas demandas e criam um campo político de força social na sociedade civil. Suas ações estruturam-se a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em situações de: conflitos, litígios e disputas. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva ao movimento, a partir de interesses em comum. Esta identidade decorre da força do princípio da solidariedade e é construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo (Gohn, 2000, p. 13).

Ademais, por meio de trabalhos mais recentes, é possível enfatizar que Gohn (2011) também tenta compreender o processo identitário desenvolvido por tais movimentos, analisando a sua relação com ideias clássicas, de modo que, para a autora, é necessário considerar a ressignificação de igualdade, fraternidade e liberdade acerca da formação desses movimentos. Dessa forma, a igualdade é repensada por meio da justiça social, a fraternidade se reformula em solidariedade e a liberdade está associada a autonomia, que não se pauta ao individual, “mas autonomia de inserção na sociedade, de inclusão social, de autodeterminação com soberania” (Gohn, 2011, p. 337). A autora também destaca os movimentos sociais como matrizes geradoras de saberes, pois acredita que as articulações desenvolvidas na rotina desses movimentos são capazes de criar redes responsáveis por impactar o âmbito sociocultural, econômico e político do seu país originário.

Para além do exposto, desde trabalhos mais antigos, Gohn (2003) já se mostrava interessada na ideia de que as ações realizadas pelos movimentos sociais, além de desenvolver um importante papel nos diversos âmbitos nacionais, também eram capazes de ultrapassar fronteiras. Para a autora, “por conta do fenômeno globalizante, o protagonismo desses atores atinge inclusive o nível global” (Gohn, 2003, p. 8). Porém, esse protagonismo não é alcançando por todos, visto que é necessário sobreviver a agenda global, que por sua vez, é formada por códigos que se encontram sempre em desenvolvimento (Gohn, 2003).

Ademais, outros autores com estudos mais recentes reconhecem e defendem a ampliação das relações dos movimentos sociais no sistema internacional. Lazaretti e Folle (2016) enxergam os movimentos sociais como fenômenos coletivos advindos da sociedade civil, que se organizam para questionar, encontrar as melhores alternativas e resistir “aos acontecimentos e formas de dominação existentes na sociedade, de caráter político, cultural, econômico, social, sexual ou racial” (Lazaretti; Folle, 2016, p. 200). Esses movimentos podem ser considerados como atores emergentes que possuem a capacidade de exercer poder em nível

internacional, sendo esse poder utilizados para unir forças a favor de melhores condições sociais ou modificação de regimes políticos (Lazaretti; Folle, 2016).

Dessa forma, na tentativa de fazerem parte do sistema internacional, os movimentos sociais utilizam-se de algumas estratégias que estejam de acordo com suas ideologias. Dentre elas, o Internacionalismo, teoria desenvolvida por Karl Marx e Engels durante a fundação da Primeira Internacional merece determinada atenção. Inicialmente, a ideia central do termo é proporcionar à classe operária racionalidade para entender seus interesses históricos, além de apresentar a capacidade de analisar a economia e a política mundial, de modo a desenvolver uma espécie de Solidariedade Internacional. De forma mais específica, o internacionalismo seria “a peça central da estratégia de organização e luta do proletariado contra o capital global e a expressão de uma pretensão humanista e revolucionária” (Lowi, 1998, p. 97).

3 O PROCESSO DE INTERNACIONALISMO E O MST

Para compreensão do internacionalismo e da sua relação com o MST, é necessário uma análise minuciosa da história do fenômeno em questão, perpassando por ações e processos que o caracterizam. Na sequência, a discussão acerca da classificação entre velho e novo internacionalismo abre espaço para a exposição das mudanças ocorridas na relação entre o fenômeno, o sistema internacional e os movimentos sociais. Nesse contexto, a lógica construída para determinar o internacionalismo se fez crucial na formação e desenvolvimento do MST e da sua política internacionalista, esse processo têm início já nos primeiros anos de existência do Movimento e se mantém até a atualidade.

3.1 O contexto histórico do Internacionalismo

Na história, as primeiras ações que reproduziram tendências do internacionalismo podem ser analisadas na Liga dos Comunistas de 1847 a 1848, na Associação Internacional dos Trabalhadores e na Segunda Internacional. O ato de internacionalismo produzido em 1848 apresentou grande contribuição do nacionalismo vigente em alguns países da Europa, mais especificamente, o nacionalismo romântico, que era caracterizado pela valorização da diversidade cultural, sendo essa uma ideia chave para a ascensão do internacionalismo, que teve seu “lar simbólico” na Primeira Internacional dos Trabalhadores, ocorrida em 1864. De maneira simplificada, esse momento foi visto como um meio de “combinação paradoxal de enraizamento social (incluindo confiança cultural) e mobilidade territorial (incluindo a possibilidade de uma experiência direta de vida no exterior e um senso de solidariedade)” (Anderson, 2005, p. 21). Nesse sentido, esse paradoxo entre enraizamento social e mobilidade territorial não se configura como uma contradição excludente, mas como uma relação de complementaridade. O enraizamento social está ligado à construção de uma base identitária sustentada pela valorização dos costumes e tradições de uma comunidade, enquanto a mobilidade territorial diz respeito à capacidade de explorar novos lugares, o que amplia os horizontes individuais e favorece a criação de laços de solidariedade que ultrapassam os limites da comunidade de origem.

Ademais, a partir de 1860 essa relação próxima entre o nacionalismo e o internacionalismo passou a mudar, visto que nesse período um novo nacionalismo surgiu,

conhecido como chauvinismo². Por motivos de incompatibilidade nas ideias projetadas por ambos, o internacionalismo seguiu por uma ótica contrária ao modelo de nacionalismo, tendo suas atividades concretizadas por meio da Segunda Internacional dos partidos socialistas. Apesar de parecer uma organização bem mais estruturada em relação à primeira, os participantes da Segunda Internacional não apresentavam resistência às dificuldades, determinadas principalmente por meio da distância dos trabalhadores das capitais e da incapacidade de possuir os próprios meios de produção, o que impedia não só sua solidificação como também a ampliação dos seus ideais (Anderson, 2005).

Com a queda da Internacional em 1914, o esperado seria o fim do internacionalismo, que por sua vez, resistiu aos acontecimentos catastróficos e novamente ganhou força, contribuindo para a criação da Internacional Comunista, um movimento que iniciou com pequenos grupos caracterizados por revolucionários ou pacifistas e se tornou um movimento de massa. Ademais, os bolcheviques durante o Congresso Internacional dos Comunistas em 1919 na cidade de Moscou, criaram a Terceira Internacional e pretendiam utilizar-se do internacionalismo com intuito de mostrar para o mundo naquele momento que a união dos povos trabalhadores não era uma utopia (Lowi, 1998).

Entretanto, os valores pregados pelo internacionalismo foram transformados em uma forma de garantir o nacionalismo burocrático e as táticas de poder utilizadas pelo stalinismo, em outras palavras “o internacionalismo foi posto a serviço da política externa soviética e o movimento comunista mundial transformado em instrumento da construção do “socialismo em um só país” (Lowi, 1998, p. 100). Em 1938, com a criação da Quarta Internacional, acompanhada por diversos acontecimentos no final da década de 1950, a exemplo da rede de apoio à revolução Argelina e a rede de solidariedade às lutas do Terceiro Mundo, houve uma nova tentativa de resgatar os verdadeiros princípios do internacionalismo. De modo geral, para que o resgate tivesse sucesso, seria necessário uma maior coordenação internacional de tal fenômeno (Lowi, 1998).

A nova fase que se inicia vai de 1945 a 1965 e possui uma expansão dos territórios que passaram a se apresentar no sistema internacional segundo os princípios do internacionalismo. A luta tomou forma e se caracterizou principalmente por meio de um caráter anti-imperialista, que tinha como frente os camponeses e “não havia uniformidade social na liderança dos diferentes movimentos de libertação nacional, também suas expressões ideológicas eram híbridas e variegadas” (Anderson, 2005, p. 30). Outra mudança importante diz respeito à

² O chauvinismo pode ser considerado uma euforia excessiva pela pátrias, mas não por tudo que é nacional, já que desprezam majoritariamente os povos não que não fazem parte da Europa e as classes pobres (Moura,2023).

modificação das formas de interação utilizadas pelos trabalhadores, assim, a ideia de estado-nação como forma de “integração discursivas” é substituída pela democracia liberal (Anderson, 2005).

A partir de 1965 o internacionalismo passou a apresentar aspectos que estavam interligados integralmente ao transnacionalismo, mais especificamente, a aproximação das zonas do capital do Atlântico ao Pacífico e o aparecimento de meios intercontinentais favoráveis ao empreendimento e à especulação financeira. Em outras palavras, o Internacionalismo passou a configurar-se como um fenômeno que ultrapassa as fronteiras nacionais, impulsionado pelas inovações no campo econômico e pela formação de laços institucionais moldados pela lógica do capitalismo.

Nessa perspectiva, cabe ressaltar que o processo de internacionalização do capitalismo foi um dos principais responsáveis pela destruição da ideia de “homogeneização do proletariado”, assim, a união entre o mercado e o estado enfraqueceu por algum tempo a ação do internacionalismo proletário, porém, as organizações que faziam parte de tal fenômeno, utilizou-se desse momento para fortalecer laços, mais especificamente, “criou condições para acréscimo de nacionalização, consubstanciados na integração nacional das massas (via partidos e sindicatos nacionais) (Pureza, 2001, p. 6).

Outrossim, Anderson (2005) acredita que o Estados Unidos, desde o início do século XXI, tratou o internacionalismo como uma forma de dominar a Eurásia, de modo que o contrário da prática desse internacionalismo seria o isolacionismo, responsável por dificultar a extensão do poder estadunidense para outras localidades e povos. Dessa forma, “o internacionalismo não é mais uma articulação dos países capitalistas sob o domínio americano contra um inimigo comum, mas um ideal de afirmação: a reconstrução do globo à imagem americana” (Anderson, 2005, p. 38-39). Apesar da inversão de objetivos realizados em determinados momentos da história, o internacionalismo sempre apresentou uma parcela dos seus praticantes que utilizou de fato os seus princípios basilares. Sob uma análise mais específica, é possível determinar como eram organizadas as instituições que buscavam se aproximar do internacionalismo proletário desenvolvido por Marx, tais instituições possuíam aspectos do sindicalismo e tinham forte influência na defesa e luta pelos direitos dos trabalhadores.

Consoante Boaventura Santos e Hermes Costa (2004), o internacionalismo proletário aborda o sindicalismo como principal base de organização que trabalha em busca da união e da luta dos objetivos em comum dos sindicatos, encontrados em diferentes níveis e instituições. O primeiro nível é representado pela Federação Sindical Mundial (FSM), desenvolvida em 1945

e na atualidade tem um papel crucial em mais ou menos 192 países, e a Confederação Internacional dos Sindicatos Livres (CISL), criada em 1949, porém, no ano de 2006 se tornou a Confederação Sindical Internacional (CSI). O segundo nível destaca as organizações sindicais regionais, responsáveis por abranger tais organizações sob uma perspectiva continental, dentro da CSI, por exemplo, existem a Organização Regional da Ásia-Pacífico (CSI-AP), a Organização Regional Africana (CSI-AF) e a Organização Regional Americana (TUCA) (CSI, 2025). Por fim, o nível três aborda as Federações Sindicais Globais (FSG), que buscaram a criação dos Conselhos Sindicais de Empresas Mundiais (CSEM) (Costa; Santos, 2004).

Waterman (2002) destaca dois momentos cruciais na história do sindicalismo: o industrial e o globalizado. O primeiro iniciou com a ideia de liberdade ao sindicalismo atrelado aos objetivos de desenvolvimento que se voltava à esfera nacional, em outras palavras, “foi um internacionalismo nacional, traduzido na conquista de direitos e de padrões sociais-democratas no interior do Estado-nação democrático-liberal” (Waterman, 2002, p. 36). O segundo desenvolveu novas perspectivas do que seria o internacionalismo, fazendo com que importantes instituições sindicalistas, como a CISL, procurassem alternativas para caminhar junto às transformações trazidas pela globalização. Porém, a CISL possuía dois principais entraves: a sua invisibilidade, que se dava pela falta de ação no meio social, local e global, e sua estrutura, que era formada por membros ricos e distanciava a Confederação dos que deveriam ser representados: os trabalhadores. Assim como na CISL, Waterman (2002) afirma que outras organizações sindicais passaram pela tentativa de transformação e falharam, principalmente pela presença de resquícios das características do processo industrial.

Dessa maneira, as tentativas de mudança dos paradigmas sindicalistas têm relação direta com a ascensão de um novo internacionalismo, que se inicia a partir do reconhecimento de outras formas de organizações e retratam novas lutas. Santos e Costa (2004, p. 23) afirmam a necessidade de se acatar “a dinamização de debates e ações conjuntas entre as confederações sindicais mundiais, as negociações entre Empresas Transnacionais (ETN) e organizações de trabalhadores de dois ou mais países”.

Apesar dos autores ainda retratarem um aspecto de internacionalismo que não se conecta aos movimentos sociais, ao decorrer dos seus estudos, mais especificamente nas discussões sobre o conceito de internacionalismo, os dois fenômenos tendem a se conectar, trazendo essa relação no processo de abordagem do novo internacionalismo proletário, que ocorre por meio da combinação entre temas de caráter operário acrescentados a outros temas que se desenvolveram considerando as mudanças do internacionalismo (Costa; Santos, 2004). Dessa maneira, assim como os movimentos sociais passam por transformações que ocasionam a

abordagem de novas temáticas de diferentes âmbitos, o internacionalismo proletário também traz essa inovação das questões discutidas na sociedade, o que será o ponto chave para aproximação dos dois fenômenos abordados.

Waterman (2002) vê a ascensão do “novo sindicalismo” como uma estratégia para ir além de um sindicalismo político e econômico, sendo capaz de envolver a sociedade civil e retratar temas sociais e culturais. Nesse processo, é crucial que o sindicalismo, com a finalidade de exercer o internacionalismo contemporâneo, deve manter a aproximação com os outros movimentos não sindicalizados ou não passíveis de sindicalização, como os agricultores, pessoas autônomas ou chefe de casa. Ademais, é necessário que haja uma diversidade nas relações mantidas, abrindo espaço para a aproximação de movimentos que apresentam outras temáticas, como o movimentos das mulheres e dos ambientalistas. Qualquer outra causa que possa ser uma pauta importante para os trabalhadores dentro e fora dos sindicatos devem ser levadas em consideração, apoiadas e por fim “deve mostrar-lhe ativo na área da educação, da cultura e da comunicação, estimulando a cultura operária e popular, apoiando iniciativas tendentes a fortalecer a democracia e o pluralismo” (Waterman, 2002, p. 46).

Para além do exposto, Waterman (2002) também expõe suas considerações sobre as modificações que o internacionalismo deve se concentrar para melhor determinar um dos seus princípios fundamentais: a Solidariedade Internacional. Para o autor, as organizações que procuram exercer o internacionalismo devem estar em contato direto com outras, de modo que essa relação seja baseada em um “modelo dinâmico, descentralizado, horizontal, democrático e flexível” (Waterman, 2002, p. 47), além de exercer de fato a solidariedade, procurando sempre dar o suporte necessário para todos trabalhadores que a luta do internacionalismo proletário representa, sem exceções ou sobreposição. Ademais, é essencial que haja uma movimentação do internacionalismo proletário com outros internacionalismos democráticos, e, que esse internacionalismo proletário seja capaz de chegar em todas as localidades do globo, em outras palavras: “um novo internacionalismo obriga a ir colher contributos aos movimentos de trabalhadores do Ocidente, do Leste, do Sul e de outras regiões sócio-geográficas” (Waterman, 2002, p. 48).

Nessa perspectiva, fica evidente que a iniciativa do processo de globalização no sistema internacional desencadeou, aos poucos, a necessidade de um relacionamento entre o internacionalismo operário e os movimentos sociais. Nesse momento, já se é possível observar nos estudos da época (2002-2004) uma consideração importante sobre os movimentos sociais e o seu papel na sociedade, o que colabora para reconhecimento da história dos movimentos e concretiza seu legado, já que passa a ser entendido como um fenômeno essencial para a

continuidade de outros fenômenos globais. Assim, para que se tenha um sindicalismo capaz de exercer o internacionalismo, é preciso o reconhecimento de outros movimentos de diferentes temáticas, e para que esse internacionalismo sobreviva às mudanças da contemporaneidade, é preciso a presença desses movimentos, seja como praticamente dos seus princípios ou apenas como colaborador.

Esses fatores foram responsáveis pela separação de dois principais momentos nos estudos do internacionalismo: a concretização dos seus princípios, acrescentado as diversas tentativas de praticá-las, ocorrida entre 1847 até o final da década de 1990 e a necessidade de inovação e abrangência desses princípios, iniciada nos anos 2000 e desenvolvida até a atualidade. O primeiro momento é classificado pela literatura da área como o velho internacionalismo, enquanto o segundo é descrito como novo internacionalismo.

3.2 O conceito de internacionalismo e o MST

Inicialmente, essa diferenciação entre novo e velho causou determinado estranhamento, alguns estudiosos da área não concordavam com o otimismo utilizado pelos autores que defendem tal lógica. Burawoy (2006) buscou argumentar que as novas expectativas para reformulação do internacionalismo operário buscavam uma mudança no fenômeno da globalização, que, por sua vez, não especificou como os novos atores seriam úteis para tal mudança. Em outras palavras, o autor compreende que os movimentos sozinhos não são suficientes para modificar qualquer ordem internacional, pois estão estruturados nas delimitações dadas pela hegemonia operante.

Entretanto, Silver (2003) determina que para compreender o processo de transformação ocorrido ao decorrer da história dos movimentos operários, é preciso considerar todo o aparato histórico que tais movimentos sofreram. Assim, faz-se necessário analisar não só o momento vigente, como também os momentos que antecederam as mudanças, as atitudes tomadas e a forma de reação dos atores que constituem a narrativa. Nessa perspectiva, a classificação de um velho e um novo internacionalismo ressalta uma discussão sobre dois principais pontos já analisados anteriormente: a relação entre o nacional e o internacional e a dos movimentos operários com outros movimentos.

De forma comparativa, o velho internacionalismo estaria pautado na utilização do internacional como instrumento para se conseguir objetivos nacionais que geralmente estavam interligados à obtenção de poder. O novo internacionalismo, por sua vez, traz a ideia de unificação da luta, de modo que o objetivo é o mesmo e a solução é de caráter global. No que

se refere a relação dos movimentos operários com outros movimentos sociais, no velho internacionalismo essa relação é baseada em sujeição do primeiro para com os outros, enquanto no novo internacionalismo essa relação se caracteriza pela formação de alianças (Angelis, 2005).

Ademais, a prática da Solidariedade Internacional também se modifica quando se trata do novo internacionalismo, se antes essa solidariedade era vista como uma ajuda externa para se alcançar propósitos internos, agora, é possível compreendê-la como uma ajuda mútua, de modo que ajudar o outro é ajudar a si mesmo. Vale ressaltar que a união gerada pela solidariedade é capaz de definir “[...] as características e os parâmetros da ação unificada com respeito a todas as autonomias” (Angelis, 2005, p. 6). Nesse sentido, a autora exemplifica suas contribuições sobre as mudanças entre o velho e o novo internacionalismo por meio de um resumo ilustrativo:

Tabela 1: Comparação entre o velho e novo internacionalismo

	Relação entre as lutas nacionais e internacionais	Relação entre o movimento operário e outros movimentos
Velho Internacionalismo	A dimensão internacional é um instrumento para a dimensão nacional.	Movimentos distintos. Subordinação ou marginalização de outros movimentos ao movimento operário.
Novo Internacionalismo	A distinção perde o sentido. O nacional (assim como o “regional”, o local, etc.) é um momento do “global” e vice-versa.	Criação de alianças

Fonte: Angelis, 2005, p. 2

Angelis (2005) acreditava que esse novo internacionalismo não poderia ser visto como um “resultado acabado”, pois ainda estava em formação. Assim, considerando também as mudanças dos movimentos sociais ao longo da história, principalmente no que diz respeito à necessidade de formar outros movimentos para combater problemas causados pelo sistema capitalista, é possível identificar que alguns desses movimentos, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), objeto de estudo da presente pesquisa, adota o

internacionalismo, mantendo os princípios determinados e adaptando a forma de exercer esse internacionalismo dentro do sistema internacional.

A luta dos trabalhadores no cenário brasileiro iniciou muito antes da formação de fato do Movimento, a partir de 1930 as discussões da reforma agrária passaram a se intensificar, sendo somente a partir de 1960 que esse debate ocupou o papel crucial nas reformas de base. Entretanto, com a instauração da ditadura militar no país, a luta pela reforma agrária foi ignorada pelo governo enquanto o capitalismo adentrava de forma acentuada na sociedade brasileira, sendo responsável por um “processo intenso de expropriação e proletarização do campesinato, cujo resultado mais evidente foi o aumento expressivo da migração rural-urbana, cerca de 28,5 milhões de pessoas” (Coletti, 2005, p. 29). Porém, nas décadas de 1980 a 1990, a possibilidade de se adentrar nas cidades já não era uma opção viável, visto que a situação de trabalho também se apresentava complexa, o que gerou a volta dos povos para os campos.

Tal fator, acrescentado à inabilidade do sindicalismo oficial rural no Brasil, foram cruciais para o surgimento do MST, assim, o Movimento surgiu “a partir de um vazio político deixado pelo sindicalismo oficial rural, formada pela Confederação dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG), pelas Federações estaduais e pelos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais (STR’s)” (Coletti, 2005, p. 30). A consideração de toda a luta que já havia sido conquistada por seus antecessores e a lembrança das opressões e silenciamento até então, foram essenciais para a organização e a determinação dos objetivos e pautas que seriam levantadas pelo Movimento.

Como forma de se obter a atenção da sociedade civil, os movimentos dos trabalhadores rurais existentes até então deram início à criação do Boletim Sem Terra, que contava com a transmissão de mensagens de importantes figuras que eram a favor da reforma agrária, dentre eles, a Comissão Pastoral da Terra (CPT), a Central Única dos trabalhadores (CUT), o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC) e o Partido dos Trabalhadores (PT). Em 1983, foi criado o Centro de Assessoria Multiprofissional (CAMP) responsável por atuar em âmbitos educacionais e organizacionais dos movimentos populares, conseguindo em sua atuação inicial “o apoio financeiro de agências de cooperação internacional agregado a parcerias com universidades, Ong’s, governos e outras entidades” (Perli, 2013, p. 5).

Em 1984, o apoio do CAMP foi primordial para a iniciativa do primeiro encontro dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, ocorrido entre os dias 20 e 22 de janeiro, no Centro Diocesano de Formação do município de Cascavel e concretizando a criação de fato do MST. Para além das contribuições locais, durante o seu processo de formação, o MST precisou se pautar em estudos históricos que tiveram como base os escritos marxistas, mais especificamente, os

ensinamentos acerca da defesa da classe trabalhadora. As contribuições de Karl Marx foram determinantes primeiramente para a delimitação do propósito do movimento, que, por sua vez, encontrou nas injustiças sociais e na má distribuição e uso das terras base para três objetivos mobilizadores: a luta pela terra, por reforma agrária e por transformação social. Dessa maneira, assim como Marx via o capitalismo como o mal a ser combatido na sociedade, o MST enxerga no enfrentamento do capital um meio para se chegar à reforma agrária (Perli, 2013).

Em 1985, o Movimento realizou seu primeiro Congresso Nacional, que obteve uma grande aderência do seu público alvo, determinando a presença de trabalhadores de todo o Brasil. Neste congresso, o objetivo principal do MST era conquistar a população para se tornar um movimento de massas, e, por meio da Coordenação Nacional, que contaria com dois representantes de cada Estado, iniciar o processo de fortalecimento dos trabalhadores em organizações sindicalistas e políticas. O aumento da significância do Movimento em território nacional, possibilitou a mudança da Secretaria Nacional para São Paulo, proporcionando maior viabilidade e novas oportunidades para o Movimento, como a criação do Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, que apresentava objetivos como:

Mais do que noticiar a realidade dos sem-terra e divulgar cartas de leitores que apoiavam a luta pela reforma agrária, o que estava em pauta era a consolidação de um movimento frente às questões de interesse nacional, como o pacto social, o Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA) e a Assembleia Nacional Constituinte. (Perli, 2013, p. 5).

Após dezesseis anos trabalhando por meio da produção de informativos, marchas, reuniões e outras ações que buscavam abranger o movimento em nível nacional, o MST conseguiu conquistar a atuação em 23 estados, 1,5 milhão de pessoas, 350 mil famílias assentadas e 100 mil vivendo em acampamentos (MST, 2025). Apesar dos processos violentos sofridos pelo povo que formava o Movimento, a busca por representatividade e por melhoria social continuava, os congressos apresentavam cada vez um número maior de participantes de todo o Brasil. O sexto congresso, por exemplo, contou com a participação de 17,5 mil pessoas, que não só foram como ouvintes, e sim, como delegados e delegadas do evento (MST, 2025).

Dessa forma, considerando a história do MST até aqui, é possível compreender o processo de criação de um Movimento capaz de exercer o internacionalismo, que por sua vez traz nos seus estudos a importância da estrutura nacional. O objetivo inicial do MST era criar um ambiente nacional que entendesse o propósito do Movimento e estivesse disposto a lutar e caminhar juntos. A conquista começaria de dentro para fora, uma conquista que não está ligada a ideia de poder e dominação, assim como especificada no velho internacionalismo, mas em um processo de fazer com que a população afetada entendesse a gravidade do problema e

encontrasse força para lutar juntos. Assim, a atuação precisaria acontecer nos dois âmbitos, de modo que não se “é possível pensar em processos de transformação social olhando só para um país ao mesmo tempo que não é possível pensar um processo de transformação social se você não atuar no seu país” (Mauro, 2012, p.29).

Outrossim, as práticas do internacionalismo exercidas pelo MST iniciaram de maneira mais retraída, envolvendo primeiramente às contribuições teóricas e parcerias com outros países, como a presença de lavradores do Peru, Equador, México e Bolívia no primeiro Congresso do Movimento, que tinham o objetivo de unir forças principalmente contra a política norte-americana e os latifundiários (Jornal Sem Terra, 1985). Ademais, é crucial destacar que a adoção do internacionalismo como teoria responsável por guiar as práticas internacionalistas do Movimento, foi pensada sob uma base que reflete algumas características do novo internacionalismo, mas resgata princípios chaves do velho internacionalismo, como a luta de classes e a Solidariedade Internacional. Assim, determina-se que o ponto principal utilizado pelo MST para se colocar no sistema internacional está pautado na ideia de transformação social por meio da modificação das consequências causadas pelo capitalismo, essas consequências, por sua vez, se resumem na concentração de terras nas mãos de poucos e na desigualdade social.

O MST segue também as demandas de possuir conexão com outros movimentos presentes no sistema internacional, assim como afirma Waterman (2002). Essa conexão se dá de acordo com as pautas levantadas no novo Internacionalismo, mais especificamente, de prezar pela formação de alianças, respeito e cooperação na luta. Assim, o MST não se restringe somente à temática trabalhista, ele reconhece outras diversas temáticas que precisam de transformação e apresenta disposição para unir forças, o que enfatiza a expansão do Movimento para outras questões e determina a sua aproximação também com perspectivas da Teoria dos Novos Movimentos Sociais (MST, 2025).

Acerca da Solidariedade Internacional, outro princípio fundamental para o internacionalismo, o Movimento converge com as ideias abordadas por Angelis (2005), defendendo a importância de ter aliados pelo mundo, de modo que essa solidariedade vai além de uma prática utilizada somente para viabilizar a luta pela reforma agrária, ela serve principalmente para ajudar e ser ajudado quando necessário, para Mauro (2012), “Nós somos salvos em vários momentos da história do MST pela solidariedade interna e pela solidariedade internacional.” Desde o primeiro Congresso realizado pelo Movimento já se é possível analisar o início das relações de solidariedade entre o MST e o sistema internacional, o segundo congresso ocorrido em 1990 e que tinha como lema: “ocupar, resistir, produzir”, foi contemplado com a presença de entidades e 23 delegados de diversas instituições camponesas

da América Latina. Em 1993, com a criação da Via Campesina, o MST enxerga a possibilidade de ampliar as suas relações com outras organizações que apresentam propósitos parecidos (MST, 2025).

No terceiro congresso ocorrido em 1995, já era possível encontrar visitantes de outras regiões, como os EUA e a Europa. Em 1997, foi inaugurada a exposição de fotos de Sebastião Salgado, fotógrafo documental brasileiro que em parceria com o MST, dirigiu um evento sobre a luta pela terra exibido em mais de 100 países do mundo. Em 2005, o Movimento inaugurou a Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF), que se localiza em Guararema, São Paulo, e possui um objetivo principal de formar organizações populares do mundo inteiro por meio da teoria política nacional e internacional. A escola desenvolve cursos com duração diversificada que são ministrados por intelectuais voluntários e estudam temas que perpassam por assuntos como feminismo, marxismo, questões agrárias e outras temáticas importantes para a sociedade contemporânea. Assim, verifica-se que além do intercâmbio cultural e político para aqueles que vêm de outros países, a escola também contribui para a democratização do conhecimento, que possibilita uma relação mais direta entre os movimentos sociais e a academia (MST, 2020).

Para além da ENFF, o MST deu continuidade às práticas de internacionalismo por meio das Brigadas Internacionais, que estão distribuídas entre a Palestina, Venezuela, Haiti e Zâmbia e são responsáveis por enviar militantes para esses países com intuito de expandir os princípios do MST e de proporcionar uma vivência que desenvolva a Solidariedade Internacional, princípio basilar do internacionalismo. A Brigada localizada na Venezuela foi criada em 2006, após uma visita do ex-presidente Hugo Chávez em um assentamento no Rio Grande do Sul e se chama Brigada Apolônio de Carvalho. Com intuito de maximizar a integração popular, as principais ações desenvolvidas são o trabalho cooperativo, produção de sementes, formação política, intercâmbio de estudantes brasileiros para cursar medicina no país e parcerias com os Ministérios da Agricultura e de Comunas da Venezuela (MST, 2025).

A Brigada Jean-Jacques Dessalines, localizada no Haiti, foi estabelecida em 2009 com o intuito de mostrar solidariedade acerca da ocupação militar promovida por meio de uma missão para estabilização. Em 2010, após o terremoto, a Brigada continuou sua missão de ajudar a população do local e até hoje, trabalhos como produção agroecológica, reflorestamento e formação política são exercidos. Na Zâmbia, a Brigada é chamada de Samora Machel e diferente das outras apresentadas até então, possui uma atuação continental, visto que exerce atividades com Moçambique, Zimbábue, África do Sul e Gana. O objetivo ultimamente se concentra na campanha de alfabetização e agroecologia (MST, 2024). A brigada localizada na Palestina foi instituída em 2011 e se chama Brigada Ghassan Kanafani, dentre as atividades

desenvolvidas, a participação na Campanha da Colheita de Azeitona e o trabalho executado na União dos comitês de Trabalhos Agrícolas (UAWC) são de grande importância, visto que o primeiro ato contribui para a diminuição da repressão de Israel durante a colheita, enquanto o segundo busca o aprendizado de outras “experiências de resistências políticas e organizacionais” (MST, 2025).

Nesse sentido, as causas que levaram o MST a tomar decisões e a desenvolver diferentes estratégias para exercer o internacionalismo podem ser justificadas inicialmente por meio da tentativa de superar o isolamento, essa superação se deu principalmente através das necessidades que foram surgindo ao decorrer da concretização do Movimento. Demandas educacionais e de saúde, como a criação de escolas nos assentamentos, a melhoria no saneamento e o combate ao agronegócio foram fatores responsáveis por englobar novas pautas ao Movimento, que, por sua vez, “foi criando paulatinamente uma estrutura organizativa em que uma série de atividades que vinham sendo realizadas por sua militância nos âmbitos municipal, estadual e nacional foram institucionalizada” (Leite; Dimenstein, 2010, p. 270).

Caldart (2000) acredita que a dimensão cultural apresentou o poder de gerar visibilidade ao Movimento tanto no âmbito nacional como no âmbito internacional. A autora defende que a cultura é o primeiro traço que chama atenção da sociedade para o MST, isso pode ser explicado por dois fatores:

O primeiro deles é que neste momento o MST já tem mais consolidada sua identidade social e política, conseguindo mostrar um jeito próprio de ser como Movimento. Mesmo assim, é preciso considerar que a tradução desta identidade em formas mais especificamente culturais se acelera pela própria pressão desta condição objetiva de tornar-se mais público, e de ter que mostrar sua diferença nesta sociedade dominada pela chamada indústria cultural. O segundo fator é do contexto mais amplo. A sociedade olha para o MST tentando enxergar o que falta a ela mesma, em um tempo caracterizado pela desumanização, pela degradação moral e por uma sensação de caos social. A miséria social tem se desdobrado em uma miserabilidade espiritual ou ética, igualmente desumanizadora e carente de forças sociais que a contraponham, sendo capazes de reacender esperanças nas pessoas (Caldart, 2000, p. 34).

Assim, a identidade cultural do MST permitiu que a sociedade conhecesse o Movimento e entendesse a proposta de luta, de modo que a cultura fosse vista como uma possibilidade não só de ampliar como também de fortalecer ainda mais a ideologia defendida pelo o MST dentro e fora do ambiente nacional.

Seja pelo processo de superação do isolamento ou pela dimensão cultural, as transformações ocorridas no Movimento trazem determinadas críticas. Martins (2000), por exemplo, determina que o MST estava tomando caminhos opostos a de um movimento social. Para o autor, as decisões tomadas pelo Movimento se aproximavam mais de uma instituição

política, seja pelo processo de ideologização ou pelo processo de partidizar a luta. Os dois motivos não levariam ao principal objetivo do MST: a reforma agrária, na verdade, o ato de partidizar, diferente do que se espera, “não é, propriamente, prestar um serviço aos pobres da terra e, certamente, menos o é reformar o passado” (Martins, 2000, p. 127).

Entretanto, Comparato (2001) determina que a ação política do MST não pode ser resumida a um ato de partidismo, o autor enfatiza a importância do “espaço político conquistado pelo Movimento no quadro público atual, e, contrariando toda uma suposta tradição de passividade e anomia do povo brasileiro, consegue se organizar, ter força política e desafiar os poderes constituídos” (Comparato, 2001, p. 105). Nesse sentido, a análise acerca da relação entre o MST e o governo, o Congresso, a imprensa, a igreja e a opinião pública é capaz de dar sustentação à consideração levantada pelo autor. De forma resumida, tal análise foi capaz de determinar que:

O MST não ocupa apenas terras e prédios públicos, mas ocupa também reuniões de ministros, discursos do presidente, relatórios dos serviços de inteligência, editoriais de jornais, manchetes nos noticiários, pronunciamentos de parlamentares, conversas entre o presidente e o papa, pesquisas de opinião pública e até protestos nas visitas do presidente ao exterior (Comparato, 2001, p. 117).

Dado exposto, o processo político exercido pelo Movimento foi crucial para o seu desenvolvimento e lhe deu a capacidade de ser um ator político guiado para uma luta justa e consciente (Comparato, 2001).

Nesse sentido, as divergências e convergências acerca do novo e do velho internacionalismo, os possíveis fatores responsáveis pelo processo de internacionalismo do MST acrescido às críticas e aprovações, fazem-se essenciais para a proposta de um estudo mais específico de sua agenda. Dessa forma, no próximo capítulo analisaremos as atividades e ações das Brigadas Internacionais e da ENFF como forma de explorar, compreender e examinar como esse processo vem ocorrendo ao longo dos anos.

4 O INTERNACIONALISMO DESENVOLVIDO PELO MST

O MST vem ao longo dos anos planejando e executando agendas em diversas partes do mundo, tratando o internacionalismo como princípio ético, moral e de construção, que busca a transformação na sociedade brasileira e no sistema internacional (MST, 2025). Nesse viés, as atividades e ações realizadas pelas Brigadas Internacionais e a ENFF se tornam primordiais para a compreensão do internacionalismo desenvolvido pelo MST. Nessa perspectiva, no que concerne às Brigadas Internacionais, focaremos na agenda durante os anos de 2022 a 2025, tendo como base as publicações da página oficial do MST e realizando uma análise de conteúdo pautada em Bardin (2016).

Para o desenvolvimento dessa análise, primeiramente foi necessário a leitura de 20 publicações que apresentavam notícias sobre atividades relacionadas com as Brigadas do Movimento: Samora Machel, Apolônio de Carvalho, Ghassan Kanafani e Jean Jacques Dessalines. Em seguida, foi necessário a elaboração de resumos sobre cada publicação analisada e, por fim, realizou-se a interpretação dessas informações baseadas no conceito e ação do internacionalismo exercido pelo MST.

Em relação à ENFF, a agenda analisada diz respeito às visitas Internacionais e às práticas pedagógicas. Na primeira, a exploração do material iniciou-se pela escolha das postagens, realizadas pelo Instagram da ENFF em conjunto com o Instagram oficial do Movimento e dando prioridade às publicações que apresentavam informações acerca das visitas de parceiros que apoiam o Movimento, totalizando em 26 postagens escolhidas. Após a escolha do material, fez-se necessário a elaboração de resumos que envolviam as fotos e a legenda de cada objeto de estudo em conjunto com a interpretação das postagens baseado na ideia de internacionalismo. A segunda análise determina a discussão acerca dos eventos e cursos ofertados para os povos que mantêm parceria com o MST e retrata quais tipos de práticas estão presentes nos episódios que constituem o podcast “Internacionalizemos a luta”, criado pela Escola. A escolha dos episódios explorados se deu a partir da análise do título e do resumo disponibilizado na plataforma Spotify, aqueles que possuíam o objetivo de enfatizar a relação do MST com países já apresentados ao decorrer das outras seções, foram os escolhidos, totalizando 6 episódios. A codificação de cada episódio foi realizada a partir da transcrição do texto manualmente. Posteriormente, a leitura do texto acrescentado ao destaque de trechos importantes foram necessários para realização da análise do conteúdo baseado nos tipos de práticas pedagógicas expostas por Franco (2015).

4.1 As Brigadas Internacionais

As Brigadas Internacionais do MST desenvolvem um trabalho pautado na Solidariedade Internacional que perpassa por países com problemas econômicos, sociais e militares, assim, “a mística em torno do internacionalismo transformou o palco da Reunião Nacional em um cenário de destruição, as bandeiras de quatro nações se ergueram: Palestina, Haiti, Cuba e Venezuela” (MST, 2025). Nesse sentido, a agenda realizada em cada Brigada visa a aproximação do Movimento com outras organizações ou com o próprio país em que se desenvolvem as ações, que por sua vez, são elaboradas em determinadas épocas do ano e se diversificam de acordo com a necessidade.

No que se refere à Brigada Samora Machel, atuante na Zâmbia, em setembro de 2022, é lembrado por meio de uma matéria a experiência da Campanha de Alfabetização e Agroecologia Fred M’membe, executada pelos militantes da Brigada e que possuía o objetivo de alfabetizar os povos da Zâmbia. Em março e abril do mesmo ano, as ações sobre essa campanha culminaram na formação de 100 turmas no país, um número mais ou menos de dois mil camponeses alfabetizados em lugares como a província de Eastern, Lusaka e Western. A importância desse processo de alfabetização é explicado pela educadora e militante Elizabeth Conceição:

A Zâmbia tem 72 línguas, e possuem como língua oficial sete dessas, sendo o inglês uma destas (oficiais). Então, o inglês serve também pra cercear os zambianos dos direitos básicos, como acesso à saúde, à educação. Quando a população vai pra um posto de saúde, a um hospital ou para ter acesso à educação, se o povo não sabe o inglês, não consegue lutar pelos seus direitos básicos. Então, se faz necessário essa campanha aqui. Por exemplo, muitas mães que trabalham na informalidade, vendendo carvão, vendendo verdura, necessitam do inglês pra se comunicar (MST, 2022).

Nesse sentido, foram desenvolvido diversas estratégias que visam a facilitação do aprendizado, dentre eles, o método “to talk, to read, to write the words in the world” (falar, ler e escrever as palavras e o mundo), criado especificamente para as necessidades dos alunos (MST, 2022).

Em outubro de 2023, o Movimento participou do Festival de sementes e alimentos tradicionais da Zâmbia, com o objetivo de compreender como funciona o sistema de produção e os desafios sofridos pela população. Em janeiro de 2024, com a epidemia de cólera no país, o MST pôde prestar ajuda para a melhoria da situação. Durante dois dias, a clínica popular organizada pelo Movimento com a temática: “Popular health, we can do it!” (Saúde Popular, nós podemos fazer isso!), realizou cerca de 310 atendimentos, dentre eles, a aferição da pressão arterial, da diabetes, a distribuição de chlorine e orientações sobre a prevenção da cólera. Em

abril, o MST participou de uma exposição realizada na capital do país. Na ocasião, o Movimento foi celebrado pelos seus 40 anos de existência e reforçou sua parceria com o Movimento Socialista de Gana, além de contar com a presença de representantes de Cuba, Palestina, Zimbábue e da Organização dos Países da África Ocidental (OPAO). Na publicação feita no site, o MST reforçou que esse evento foi essencial para ressaltar o internacionalismo, que se apresenta como “um pilar fundamental na prática revolucionária do Movimento” (MST, 2024).

Em junho, a segunda ação da Clínica Móvel de Saúde Popular na comunidade de Mandevu foi publicada, especificando os trabalhos desenvolvidos pelo movimento em parceria com o Partido Socialista da Zâmbia. A realização de exames de diabetes e pressão arterial, palestras, informações sobre os cuidados bucais, acrescentado a demonstração de uma higienização bucal correta e a doação de kits higiene foram algumas das práticas desenvolvidas pelo Movimento. A publicação também expôs a carência da saúde pública no país, enfatizando a necessidade de criação de políticas públicas voltadas para o caso, mais especificamente, o projeto desenvolvido pelo Partido Socialista da Zâmbia, que determina a demanda de 20% do orçamento nacional para a saúde. O MST deixou claro na matéria a sua disposição para ajudar o partido (Alcântara, 2024).

Em agosto de 2025, a Brigada realizou algumas visitas técnicas referentes à implementação de uma proposta estruturada de Assistência Técnica e Extensão Rural Popular (ATES). Segundo a legenda da publicação, “a iniciativa, inspirada em experiências latino-americanas, busca consolidar um modelo de desenvolvimento rural centrado na agroecologia, na saúde comunitária e na formação sociopolítica” (MST, 2025). Nesse contexto, é possível notar que a perspectiva aqui se volta majoritariamente para a saúde, reafirmando o conhecimento do Movimento acerca das necessidades de cada parceiro. Com relação a Solidariedade, o projeto da Clínica Móvel de Saúde Popular pode ser entendido como uma medida que se caracteriza por uma espécie de empatia e responsabilidade com os povos pertencentes a Zâmbia, o que designa a ajuda advinda do MST em relação às demandas do país e das organizações parceiras.

A Brigada Apolônio de Carvalho, atuante na Venezuela, não foi palco dos assuntos comentados nas páginas do MST no ano de 2022, o que impossibilita a exploração das atividades executadas nesse período. Em 28 de abril de 2023, o site do Movimento publicou uma matéria intitulada como “Brigada do MST desenvolve produção de sementes de cenoura na Venezuela”, que tinha o objetivo de descrever a ação realizada pelo Movimento. Ao decorrer da publicação, é especificado a importância da cenoura na produção e no consumo dos povos

no mundo e como a técnica de todo o processo de produção e uso é realizado de forma errônea, o que dificulta a qualidade da semente e o acesso à hortaliça. Nesse sentido, o Movimento em parceria com PROINPA (Produtores Integrales del Páramo), desenvolveu um projeto que visava “a transferência tecnológica a núcleos produtivos de sementes de cereais, leguminosas e hortaliças” (MST, 2023), que na época (2023), já haviam obtido sucesso na colheita das primeiras sementes de cenoura (MST, 2023).

Em setembro e outubro de 2024, as duas matérias publicadas diziam respeito ao projeto “Pátria Grande Sul”, planejado em conjunto com o presidente Nicolás Maduro. A primeira matéria relatava sobre a tomada de decisão para o início do projeto, enquanto a segunda mostrava o desenvolvimento da área experimental modelo na Venezuela, demonstrando a continuidade de tal projeto. Na publicação, Simone Magalhães, integrante do setor de internacionalismo do MST relatou a importância do projeto, enfatizando que por meio da socialização de técnicas, o Movimento será capaz de contribuir para a soberania alimentar no país, além de lutar contra o capitalismo e o imperialismo (MST, 2024).

Em abril de 2025, outra ação da Brigada foi relatada nas páginas do Movimento, com o título “Soberania alimentar e outra lógica de produção: MST começa trabalho nas terras no Sul da Venezuela”, a publicação exemplificou o trabalho realizado na Vergareña, que apresenta mais de 180 mil hectares para o desenvolvimento de plantio baseado na agrofloresta. Inicialmente, os responsáveis pela publicação esclareceram que a região não foi uma doação do governo, e sim, uma parceria que dará ao Movimento liberdade para administrar o programa Pátria Grande do Sul. Após seis meses de estudo, o MST definiu os locais dos lotes para produção dos alimentos e os espaços em que as famílias irão morar (MST, 2025).

Também foi especificado a divisão dos grupos para a execução do projeto, cada necessidade será executada por um setor diferente e todo o projeto será coordenado por membros do MST, do governo e da União Comunera, organização venezuelana que será responsável pela administração do projeto após as contribuições do MST (MST, 2025). Assim, o objetivo central do Movimento é mostrar as técnicas de agroecologia para os povos que produzem e irão produzir no local, essas técnicas sugerem que “a produção está baseada na preservação do solo e o bioma para garantir alimentos saudáveis suficientes para a subsistência das comunidades locais e para o abastecimento do mercado” (MST, 2025). Até a data da publicação, a estrutura do acampamento já estava sendo montada e o ensino das técnicas já haviam iniciado.

Em maio de 2025, uma matéria intitulada “MST na Venezuela e também no teatro: Festival Internacional de Teatro Progressista 2025” relatou acerca da promoção de intercâmbios

culturais e políticos, mais especificamente, sobre a participação do MST no Festival Internacional de Teatro Progressista. O Festival contou com a apresentação de 25 peças de diversos países, sendo duas obras realizadas por coletivos vinculados ao Movimento, que reafirma a relação entre o MST e a Venezuela, além de promover “um enriquecimento mútuo, permitindo que diferentes linguagens artísticas se entrelacem e fortaleçam a luta antifascista” (MST, 2025).

Nesse sentido, considerando as postagens acerca das atividades executadas na Brigada Apolônio de Carvalho, é possível afirmar que a agenda realizada se baseia na soberania alimentar da Venezuela, necessidade que o MST possui uma ampla gama de técnicas e que pode ser útil para a superação de tal desafio. Ademais, é visível a boa relação do Movimento com o governo venezuelano, o que proporciona a possibilidade de exercer ações que visam a melhoria de outros movimentos populares presentes no país. Assim, considerando a carga teórica dos princípios do internacionalismo, pode-se afirmar que o MST vem exercendo na Venezuela a Solidariedade Internacional caracterizada pelo novo internacionalismo, em que considera a aproximação por meio da formação de uma aliança. Essa aliança é definida pela ajuda mútua, que envolve reconhecimento social, cultural e principalmente de luta pelo acesso à alimentação de qualidade para todos, um dos princípios basilares do MST.

A Brigada Ghassan Kanafani, atuante na Palestina, em novembro de 2023, foi responsável por demandar juntamente com outros militantes do MST uma doação de alimentos produzidos pelos trabalhadores do movimento para a Palestina. O objetivo era diminuir a fome das vítimas da crise humanitária acontecida na Faixa de Gaza, e, em parceria com o Ministério das Relações Exteriores do Governo Federal, foram enviadas duas toneladas de alimentos como arroz, leite, açúcar e derivados do milho. O Movimento ainda frisou os planos de entregar mais ou menos 100 toneladas desses alimentos, além de especificar a situação da Palestina e a sua dedicação para auxiliar no enfrentamento da problemática (MST, 2023).

Em dezembro, o MST participou de uma manifestação no Rio Grande do Sul, que buscava expor as atrocidades cometidas com os palestinos e prestar solidariedade para o povo. Na publicação que especifica tal ação, foi explicado a necessidade de união entre os diversos movimentos do Brasil, além de demonstrar o papel da imprensa, caracterizado por omissão: “É uma vergonha o que a mídia brasileira, o que a mídia internacional fazem com relação ao que está acontecendo com o genocídio do povo palestino”, destacou a liderança do MST. Ademais, ainda no mesmo mês, o Movimento enviou mais uma remessa de 11 toneladas de alimentos para o país (MST,2023).

Em maio de 2024, uma nova publicação relatou outra manifestação ocorrida em São Paulo, que buscava lutar pelo “cessar fogo em Gaza, fim da limpeza étnica, da colonização, do apartheid e do genocídio em toda a Palestina”(MST, 2024). A manifestação contou com a demonstração da arte Palestina e na publicação o Movimento fez questão de relatar o contexto histórico do país. Em novembro, foi promovido um evento que buscava celebrar a resistência do povo palestino, na ocasião, artistas palestinos como a cantora Oula Alsaghir e o músico Youssef Saif se apresentaram. A culinária do evento também se voltava para a cultura do país, assim como os debates e as outras atividades (MST, 2024). Em março de 2025, a participação do MST no ato em alusão ao dia da terra na Palestina ocorrido em todo o Brasil buscou mostrar a solidariedade à Palestina (MST, 2025).

Destarte, faz-se necessário a ênfase na colocação do Movimento quanto ao conflito entre a Palestina e Israel, que vai além de uma opinião política, se caracterizando por ações, manifestações e explicações do contexto histórico, político e social da Palestina. Esse interesse de atribuir visibilidade à história completa dos dois países pode ser visto como um ato de extrema importância não só para a Palestina como também para a sociedade, que consegue ter outra versão da história e não fica dependente do que é determinado pela mídia.

Outrossim, a Brigada Jean Jacques Dessalines, atuante no Haiti, apresentou um número baixo de publicações quanto às suas atividades desenvolvidas, assim, foi somente em agosto de 2023 que o site oficial do Movimento escreveu sobre a participação do MST na comemoração dos 50 anos de Movimento camponês do Haiti. No evento, o MST foi homenageado com o objetivo de ressaltar “os laços de Solidariedade Internacional” e por meio da escrita de uma carta, aproveitou o momento juntamente com outras organizações internacionais, para enfatizar o apoio ao Haiti:

Nós, da Via Campesina, da Coordenadora Latino-americana de Organizações do Campo, da Unión Comunera, do Movimento Sem Terra, da Federação de Cafeicultores da região sul, da Confederação Paysanne e da Casa Tecmilco, como movimentos sociais solidários com o povo do Haiti, estamos reunidos no congresso do Mouvman Peyizan Papay (MPP).

No contexto das celebrações dos 50 anos desta organização camponesa. Temos a convicção firme de que a solução para as crises impostas ao Haiti deve surgir do próprio povo e dos movimentos sociais haitianos. Apoiamos a soberania do povo haitiano e admiramos a luta camponesa haitiana, que se tornou o motor de resistência e mudança (MST, 2023).

No trecho, o entrosamento do Movimento com as diversas organizações demonstra um aspecto crucial para o internacionalismo, assim, o reconhecimento e a confiança de outros movimentos são capazes de proporcionar credibilidade aos posicionamentos políticos do MST.

Ademais, em novembro do mesmo ano, foi publicada a notícia acerca do lançamento de um curso de ensino do idioma espanhol para o povo haitiano, mais especificamente, para vinte alunos da periferia de Porto príncipe. O curso apresentava o objetivo não só de mobilização, prestando auxílio às dificuldades sofridas por esses povos como também funcionaria como uma maneira de intercâmbio cultural e um processo de resistência. As outras informações referentes a Brigada Dessalines são manifestações escritas que demonstram a crise no Haiti e como o sistema internacional está lidando com isso, além de colocações do próprio Movimento sobre a importância de apoiar o país (MST, 2023).

Assim, analisando as informações referentes à Brigada em questão, é possível destacar a mudança de perspectiva quanto à atuação do MST, agora as atividades se voltam mais para o âmbito da educação e, apesar das poucas informações sobre o trabalho realizado no país, entende-se que a proposta de Solidariedade Internacional continua sendo o ponto crucial para manter as práticas do internacionalismo. Nessa perspectiva, a primeira ação relatada demonstra o respeito que o Movimento vem conquistando no país e para com seus parceiros de luta, a segunda ação se mostra como uma tentativa de superação dos obstáculos, sendo a ação que mais se aproxima dos princípios da Solidariedade. As outras ações reforçam a ideia de disseminar informações acerca da situação do Haiti, em busca de desenvolver no povo brasileiro uma ideia de senso crítico e também demonstrar o ponto de vista do Movimento, que como figura de luta, deve se posicionar politicamente.

Dado o exposto, pode-se afirmar que apesar das postagens que definem a agenda das Brigadas Internacionais apresentarem um conteúdo limitado acerca das atividades desenvolvidas, é possível determinar alguns pontos que entrelaçam o MST e sua prática do internacionalismo. Inicialmente, baseado nas colocações de Angelis (2005), as Brigadas Internacionais exercem o novo internacionalismo, tanto na relação do Movimento com o meio internacional, como também na relação do MST com outros movimentos.

A primeira relação pode ser sustentada pela capacidade do Movimento de perceber as situações críticas de seus parceiros, auxiliar na resolução dessas situações para posteriormente chegar ao objetivo central (Lutar pela terra, por Reforma Agrária e por uma sociedade mais justa e fraterna). Assim, o Movimento perpassa por diversos âmbitos para formar uma parceria que se caracterize pela ajuda, seja por meio da saúde exercido na Zâmbia, da soberania alimentar exercida na Venezuela ou da educação exercida no Haiti o MST trabalha para colocar em prática um princípio crucial para o internacionalismo: a Solidariedade Internacional.

A segunda relação que pode ser percebida ao decorrer das publicações, é a relação do Movimento com outros, como a Via Campesina, a Federação de Cafeicultores da região sul, a

Confederação Paysanne, a união Cumunera e a PROINPA. Acerca das primeiras não se é possível descrever detalhadamente as características dessa relação considerando apenas as publicações expostas, porém, o objetivo é mostrar que possuem uma relação política de concordância com toda a problemática envolvendo o Haiti, o que determina uma aliança entre o MST e tais movimentos no que se refere ao apoio do país em questão. Outrossim, os dois últimos demonstram de maneira mais específica que o Movimento considera a união com outros não baseado na sujeição do primeiro para com o segundo, mas na perspectiva de enxergar um aliado, que poderá ajudar ou ser ajudado quando surgir a necessidade.

Nesse sentido, na tentativa de caracterizar as alianças realizadas pelo MST, que o próximo subtópico estará pautado na análise da agenda executada pela ENFF, primeiramente baseada nas visitas internacionais recebidas pela escola e posteriormente nas práticas pedagógicas exercidas por meio da oferta de cursos e outros materiais, como o podcast desenvolvido pelo Movimento.

4.2 A Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF)

A ENFF apresenta uma metodologia baseada na formação política dos militantes e simpatizantes do MST, um dos principais objetivos da Escola é articular estratégias que sejam eficientes na formação de indivíduos com conhecimento de mundo e senso crítico. Dessa forma, é por meio da necessidade de união entre os povos do mundo, “estudo de pensadores clássicos do marxismo e também de conteúdos organizados por educadores e intelectuais” que a escola determina “a elevação do nível de consciência política” (MST, 2025). Essa consciência é fundamental para que a transformação social almejada pelo Movimento seja alcançada, por isso, a Escola prioriza a mobilização de todos aqueles que lutam juntos, valorizando e determinando ações que caracterizam o internacionalismo exercido pelo MST, seja por meio das visitas de aliados, seja por meio das práticas pedagógicas.

4.2.1 Visitas

Outrossim, em setembro de 2022, uma publicação descrevia o curso de formação de vários movimentos sociais da América Latina, como Argentina, Chile, Bolívia, Venezuela, Colômbia e Cuba. As atividades realizadas estavam pautadas no dia a dia do acampamento Marielle vive, da plantação de mudas nativas do Projeto Corredor Caipira

e da valorização cultural na América Latina. As imagens mostravam como ocorreu tais atividades. No mesmo mês, outra publicação explicitou a apresentação do programa nacional de educação e os processos pedagógicos exercidos nas comunidades rurais. Na legenda e nas fotos, é enfatizado que uma delegação venezuelana apresentou os processos educacionais ocorridos na revolução bolivariana por meio do espaço de formação denominado "pedagogia emancipatórias da nossa América" (MST,2022).

Em novembro, uma publicação de uma foto lembrou a visita do partido francês "Parti de Gauche" (partido de esquerda que luta por uma sociedade socialista) na ENFF. A imagem contava com representantes tanto do movimento como do partido, em que ambos seguravam uma bandeira símbolo das suas respectivas organizações. Na legenda, a Escola destacou a visita como a oportunidade de construção de uma nova sociedade em que a classe trabalhadora será o horizonte. No mesmo mês, o Movimento postou outra publicação acerca da ministração do Curso Internacional de Método e Metodologia da AIP (Internacional People's Assembly)³. As fotos e a legenda especificaram a participação de pelo menos 30 países do mundo, que foram representados por educandos, especificando a troca de experiência das atividades desenvolvidas na escola (MST, 2022).

Em março de 2023, a ENFF recebeu a visita de educadores canadenses do sindicato BC Teachers Federation (BCTF) durante o evento “jornada Paulo Freire”. A publicação que especifica tal encontro apresentou um carrossel de fotos com intuito de mostrar as atividades desenvolvidas no dia e o entrosamento dos educadores com os integrantes do MST. A legenda determinou a visita com o objetivo de conhecer a estrutura da escola, além “das práticas de trabalho como base pedagógica para emancipação humana” (ENFF, 2023). As informações sobre as atividades realizadas também foram expostas, a primeira foi caracterizada pela exibição do vídeo denominado: “ENFF- Uma Escola em construção” que contava a história da formação do Movimento e da ENFF, enquanto a segunda e última atividade contava com o conhecimento dos espaços formativos e das unidades de trabalhos (MST, 2023)

Em abril, um vídeo publicado relatava sobre a produção de um painel intitulado “Retomar Nossa Terra”, feito pelos militantes do MST e o grupo Taring Padi⁴ da Indonésia na

³ É uma assembleia que teve como inspiração para sua criação as lutas da classe trabalhadora, busca desenvolver planos que sejam capazes de libertar a sociedade e o planeta. Procura sempre estar ligado aos movimentos e organizações que possuem um viés mudança social e econômica para a classe trabalhadora (AIP, 2025).

⁴ O grupo Taring Padi foi criado em 1998, após a ditadura militar de Suharto, o objetivo do grupo se baseia no ativismo cultural e busca “promover a arte e a cultura canalizando os desejos e necessidades das pessoas, a prosperidade social, a soberania do povo, a justiça entre gerações, a democracia, a valorização dos direitos humanos sem descartar responsabilidades, as perspectivas de gênero, a reforma das relações globais e a preservação de um bom meio ambiente”. (Taring Padi, 2025).

ENFF, mostrando detalhes da pintura (Figura 1) como também os informativos relacionados à exposição da arte. A legenda da publicação enfatizou a parceria do Movimento com a Casa do Povo e com a Instituição Framer Framed, além de especificar que o painel produzido faria um tour pelo mundo, primeiro no armazém do campo em São Paulo, logo após na Holanda e na Áustria (MST, 2023).

A relação entre o grupo e o Movimento se deu principalmente pela afinidade de uma história política parecida, ocasionando a vinda de quatro integrantes do grupo para a ENFF durante duas semanas, em que puderam conhecer um pouco mais do país e da instituição, como expõe o integrante Hestu Nugroho: “aprendemos sobre uma parte da sociedade brasileira, sobre o cenário político e o sobre o contexto do movimento (MST), e também sobre a terra e sobre as pessoas” (Lorenzetti, 2023). Nessa perspectiva, o painel visa interligar as organizações por meio de questões similares entre os dois, como a celebração da fauna e da flora dos dois países, a crítica ao agronegócio, além de homenagear nomes como Marielle Franco, Cacique Raoni e Olga Benário (Lorenzetti, 2023).

Figura 1: Painel “retomar nossa terra”



Fonte: Framer Framed (2023).

Em outubro, um carrossel de fotos, acrescentado de uma legenda, relatava sobre a visita do grupo de cooperação internacionalista El periscopio⁵, formado pelos presos políticos

⁵ É uma associação Civil constituída em 2003 que apresenta a responsabilidade de escrever sobre a opressão ocorrida durante a ditadura na Argentina. O objetivo do grupo é mostrar o processo sofrido nesse período, como uma marca de resistência (el periscopio, 2025).

argentinos durante a ditadura cívico-militar. As fotos mostraram os integrantes da cooperação conhecendo a ENFF, enquanto a legenda especificou que a visita teve o objetivo de analisar o lançamento do livro “Nem loucos, nem mortos”, além de frisar a conversa da cooperação com os alunos do curso de Teoria Política Latino-americana. O livro expõe a opressão sofrida na ditadura argentina, lembrando os anos que os autores estiveram no presídio de Coronda. A relação da organização com o MST diz respeito à necessidade de disponibilizar o livro para o português, visto que a cooperação acredita na importância do livro para a realidade brasileira (Periscopio, 2025).

Em fevereiro de 2024, os militantes do ESCRnet⁶ (Rede Internacional de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais) foram conhecer os espaços da ENFF e participar de algumas atividades. Na publicação que especificava tal visita, as fotos retrataram o percurso feito pela escola, enquanto a legenda especificava o nome dos dois visitantes, sendo Basma Eis e Helena Villafuerte, além de também descrever determinadas características da organização, como as 270 Ong’s, movimentos sociais e os defensores de mais de 70 países pertencentes à instituição. Nesse sentido, ressalta-se que o movimento é membro da rede e preza pela justiça, seja ela econômica ou social. Em julho, a escola publicou duas imagens de uma turma de internacionalistas, militantes de outros movimentos sociais de países como os Estados Unidos, Guatemala, Colômbia, Porto Rico, Noruega, entre outros. O objetivo da visita era a participação desses militantes em formações ofertadas pela a escola e a troca de saberes, assim como especificado na legenda da publicação (MST, 2024).

Ainda no mês de julho, a Escola recebeu outra visita de cunho internacional, dessa vez, o visitante era o deputado Ferat Koçak, que faz parte do partido die linke (a esquerda) da Alemanha. O deputado apareceu nas fotos postadas na publicação conversando com militantes do MST e conhecendo locais pertencentes à Escola. Na legenda, o Movimento identifica que o motivo da visita estaria voltada para o fortalecimento dos laços com a esquerda brasileira, inclusive, o deputado teria também um encontro com o partido do PT. Em setembro, com a publicação “Amigos da Espanha visitam a ENFF”, o Movimento retratou a visita do casal Javier Arjona e Ana Garcia, apoiadores do MST que após 19 anos voltou à Escola (MST, 2024).

Em outubro, o secretariado da ALBA participou da 15ª Sessão do Curso de Teoria Política Latino-Americana. A legenda destacou uma aula sobre história, a atualidade e a articulação continental do MST. Para o Movimento, tal participação enfatizou a atenção das organizações de base do continente relacionadas à luta dos seus ativistas (MST, 2024). Em

⁶ Trata-se de uma “iniciativa colaborativa de grupos e indivíduos de todo o mundo que trabalham para garantir a justiça econômica e social por meio dos direitos humanos” (ESCRnet, 2025).

novembro, uma publicação destacou a apresentação do seminário “Direito constitucional e os movimentos populares: enfrentamento ao fascismo e a luta por democracia no Sistema de Justiça”. A legenda e as fotos destacavam a participação de um convidado especial: o Dr. Ruan Manriquez Rosales, advogado e professor de direito penal no Chile, que além de contribuir para o enriquecimento de conteúdo no seminário, foi agraciado com símbolos do Movimento, como o chapéu e o arroz agroecológico produzido pelo projeto de reforma agrária (MST, 2024).

Em junho de 2025, Ruth Wilson Gilmore visitou a ENFF e participou de um seminário em que expôs suas colocações sobre “o capitalismo racial e encarceramento em massa como ferramenta do neoliberalismo para gerir suas crises” (MST, 2025). A legenda agradeceu pela colaboração da visitante e destacou a importância da sua fala para o fortalecimento pela luta da justiça, liberdade e vida digna, enquanto as fotos serviram como prova documental do seminário. Em agosto, o belga Philippe Van Parijs, filósofo, economista e importante referência na área de Renda básica de Cidadania, visitou a Escola. As imagens mostravam o filósofo com mais algumas pessoas segurando a bandeira símbolo do Movimento juntamente com alguns panos escritos: “renda básica de Cidadania”. A legenda da foto expôs alguns pontos acerca da renda básica em questão: “mais que uma proposta econômica, a Renda Básica é uma ferramenta estratégica de luta social: garante dignidade material, amplia a liberdade concreta das trabalhadoras e trabalhadores e combate às desigualdades estruturais” (MST, 2025).

Por conseguinte, considerando a análise realizada, a Tabela 2 resume as visitas ao longo dos anos, expondo respectivamente o número de visitas e os parceiros:

Tabela 2: informações sobre as visitas internacionais.

ANO	VISITAS	PARCEIROS
2022	4	Argentina, Bolívia, Colômbia, Chile, Cuba e Venezuela; Venezuela; França e diversos países.
2023	3	Canadá; Indonésia e Argentina.
2024	5	Diversos países; Estados Unidos, Guatemala, Colômbia, Porto Rico e Noruega; Alemanha e Chile

2025	3	Estados Unidos, Bélgica.
------	---	--------------------------

Fonte: elaboração própria baseada em dados do Instagram do MST (@amigosenff).

Dessa forma, observa-se que em quatro anos o MST recebeu 15 visitas internacionais. Para o Movimento, tais visitas serviram como uma oportunidade para discutir os interesses em comum e fortalecer as suas parcerias pelo mundo. Ademais, é necessário salientar a diversidade de movimentos e de países que possuem algum tipo de relação com o MST, esse fator fortalece ainda mais a ideia de internacionalismo desenvolvida pelo Movimento, demonstrando a sua capacidade de se conectar com diferentes entidades internacionais. Assim, essas visitas são uma oportunidade de mostrar as atividades realizadas na Escola e de proporcionar uma troca de experiência entre o visitante e o visitado, o que gera no visitante uma sensação de pertencimento daquela realidade e facilita o estreitamento de laços.

Outrossim, comparado com a agenda executada nas Brigadas internacionais, é possível perceber uma ênfase diferente quando referido ao conteúdo das ações da ENFF. A Escola se concentra em oferecer uma base pedagógica que prepara o indivíduo para lidar com diversas questões de cunho nacional e internacional, o que chama atenção dos seus parceiros, seja para analisar como se encontra o processo de execução dessa base ou para participar ativamente deste processo. Nesse sentido, o internacionalismo do Movimento ganha outra característica além da Solidariedade Internacional proposta na formulação da agenda das Brigadas Internacionais, a pedagogia do sistema internacional, que pode ser entendida como uma série de ações que visam a criação de uma personalidade crítica referente aos acontecimentos ocasionados no mundo. Essa pedagogia exerce a capacidade de conhecimento da história, da política e da cultura, o que poderá ser analisado com mais detalhes nas ações que se sucedem em relação à subtópico das práticas pedagógicas.

4.2.2 Práticas pedagógicas

As práticas pedagógicas possuem um amplo conteúdo voltado para sua definição, dentre eles, a contribuição da pedagoga Amélia Franco foi crucial para o andamento da análise. Resumidamente, a autora determina as práticas pedagógicas sob três tipos, sendo o primeiro e o terceiro determinantes para a interpretação dos objetos de estudo analisados. O primeiro está relacionado à intencionalidade de quem exerce a ação, de modo que essas intencionalidades “serão perseguidas ao longo do processo didático, de formas e meios variados” (Franco, 2015, p. 605), enquanto o terceiro está voltado a singularidade de quem exerce a prática pedagógica,

em outras palavras, usam dessa prática pedagógica como forma de trabalhar com e na historicidade; implicam tomadas de decisões; de posições e se transformam pelas contradições” (Franco, 2015, p. 607). Dessa forma, esses tipos servirão como base para a discussão sobre as possíveis práticas pedagógicas exercidas pelo MST.

Em abril de 2024, o Movimento postou algumas imagens que se referiam ao curso internacional de autogestão, tais imagens mostravam os momentos compartilhados ao decorrer do curso, enquanto a legenda trazia algumas informações desses momentos. Com a duração de quatro dias, o curso disponibilizou aulas de autogestão, oficinas de economia com temáticas voltadas para a economia solidária ligado à educação popular, apresentações musicais, depoimentos de organizações da América Latina e o futebol de integração. Em junho de 2024, ocorreu um evento que pautou a análise política e troca de experiências entre uma turma de latino-americanos e o grupo da Internacional progressista, tendo como convidada a cubana Mariela Castro Epin, assim como consta na legenda da postagem. As imagens mostraram os detalhes do evento e a bandeira de alguns países participantes (MST, 2024).

Em outubro, a postagem se referia a uma reunião com mais ou menos 300 militantes da cidade e do Campo, alunos da Pontifícia Universidade Católica (PUC) e da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), militantes da América Latina e Caribe para a plantação de árvores e debates acerca da importância da Agroecologia. A legenda enfatizou a união dos povos e a importância de fazer o internacionalismo. As fotos apresentaram o mesmo intuito das outras publicações. Em novembro, um vídeo postado no Instagram do Movimento mostrava como foi a discussão sobre as diferentes realidades da América Latina e quais seriam as consequências da “Economia Verde”⁷ em relação “a concentração de terra e de capital financeiro por meio dos créditos de carbono”. O debate contou com a participação dos estudantes da ENFF e da Escola Latino Americana de Agroecologia (ELAA)⁸ (MST, 2024).

Em maio de 2025, o Movimento se encontrou com os militantes da Brigada Apolônio de Carvalho e com os educandos internacionais da escola para a assembleia de base. Na postagem, as fotos evidenciaram a reunião, enquanto a legenda especificava a oposição do

⁷ “É uma economia na qual a finitude dos recursos naturais, os serviços ecossistêmicos e os limites planetários dados pela ciência são levados em consideração e constituem marcos claros dentro dos quais as atividades de produção, distribuição e consumo poderão ter lugar. Numa economia verde os serviços dos ecossistemas são considerados nos processos de tomada de decisões, as externalidades ambientais são internalizadas e questões como mudança do clima, escassez dos recursos naturais, eficiência energética e justiça social são elementos centrais e orientadores do comportamento dos agentes” (Hargrave; Paulsen, 2012, p. 13).

⁸ É uma escola surgida em 2005 pela Via Campesina que possui o objetivo de ensinar sobre agroecologia para militantes da América Latina e Caribe. A escola se localiza no Assentamento Contestado, comunidade do MST (ELAA, 2025).

Movimento acerca da “lógica predatória dos grandes grupos do agronegócio e da mineração, os quais seguem privatizando a terra, a água, a vida e a própria mãe natureza” (MST, 2025). No mesmo mês, durante a celebração dos 20 anos da escola, uma publicação no site oficial destacou a trajetória percorrida pelo ENFF, enfatizando momentos cruciais para o internacionalismo do Movimento:

Este princípio está presente desde a inauguração da ENFF, em 2005, com o Seminário Internacional sobre a Formação de Quadros. Esse princípio também se insere nos processos formativos, que resultaram em diferentes cursos, como Teoria Política Latino-americana (2007), Formação de Formadores Latino-americanos (2008), Formação de Formadores em Idioma Inglês (2015), Estudos sobre as Revoluções (2017), Teoria Política em Idioma Inglês (2018), dentre outros. Em 2019, se iniciam outras experiências: Curso de Teoria Política em Idioma Francês; Método e Metodologia em Idioma Inglês e o Curso Internacional de Quadros. Em 2024, aconteceu a primeira turma do Curso Justiça Linguística, e a décima quinta turma do Formação de Formadores e Teoria Política Latino-americana (MST, 2025).

Nesse sentido, a publicação ainda especificou a Escola como referência em intercâmbio internacional, envolvendo as organizações do continente, além de destacar novamente a importância de unificar a luta para a construção de um ambiente justo.

No que concerne ao intercâmbio internacional, em maio de 2024 iniciou o Mestrado em Desenvolvimento Territorial da América Latina e Caribe organizado pela Escola, a postagem determinou na legenda informações que demonstrou o curso como o fruto da parceria entre a Unesp/IPPRI e a ENFF com a criação do Programa de Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe (TerritoriAL)⁹, especificando a formação de nove turmas, tendo mais quatro em andamento. O novo mestrado possuía 24 alunos advindos de várias regiões do Brasil, da Venezuela e de Moçambique e buscava “aprofundar a produção e socialização de conhecimentos voltados para o desenvolvimento dos territórios onde os movimentos populares do campo atuam” (MST, 2024).

Em agosto, o Instagram da Escola publicou um vídeo demonstrativo sobre as aulas preparatórias dos assentados que iriam cursar medicina em Cuba, a legenda retratava informações sobre a duração dessa preparação, que seria de vinte seis dias e o número de pessoas que iriam, totalizando quinze assentados. Em novembro, a postagem visava comemorar o início da primeira turma de doutorado na escola, ofertada pelo TerritoriAL, as fotos se referiam as boas vindas aos alunos (MST, 2024). Em abril de 2025, uma nova turma se

⁹ É um programa de pós-graduação na área de Geografia, voltado para a formação de trabalhadores e trabalhadoras de territórios camponeses, quilombolas, indígenas e de outras populações tradicionais, bem como para aqueles que atuam no desenvolvimento dessas comunidades. O programa busca aprofundar o conhecimento teórico e promover uma produção crítica e engajada, incentivando a pesquisa como princípio educativo e ferramenta de transformação social. E tem como objetivo fortalecer a agenda de formação, trabalho e lutas dos movimentos populares (MST, 2024).

preparava para cursar medicina em Cuba, assim como afirmou a publicação feita pela Escola, na legenda, o Movimento especificava a participação de 90 jovens, que se dividiam entre diversas regiões do país e de diversos movimentos sociais. As fotos demonstravam o processo de preparação, com aulas que duraram cerca de quatro meses (MST, 2025).

Diante do que foi mostrado, é possível compreender que as práticas pedagógicas apresentadas até aqui reafirmam a ideia da pedagogia do sistema internacional, já que é evidenciado diversas atividades que destacam a responsabilidade do Movimento com o acesso a um conjunto de ensinamentos que buscam aproximar os povos dos acontecimentos do mundo. Essa aproximação não ocorre somente através do saber político, social ou histórico, é desenvolvido também por meio do intercâmbio cultural, reafirmado na oportunidade dada aos assentados de estudar em outros lugares do mundo. Tais ações servem para acrescentar esse intercâmbio internacional como outra característica ao internacionalismo do MST, desenvolvido a partir da troca de experiência que envolve a arte, o idioma, crenças, valores, costumes e tradições.

Ademais, outra forma de prática pedagógica desenvolvida pela ENFF diz respeito à produção de um podcast denominado “Internacionalizemos a luta”. Na Tabela 3, é possível compreender informações cruciais de cada episódio escolhido para análise, como nome, ano de publicação, resumo e duração:

Tabela 3: Detalhes do podcast.

NOME	ANO	DURAÇÃO	RESUMO
Uni-vos!	2022	28m36s	Destaca a importância do dia 1º de maio, o segundo bloco é protagonizado por nossas brigadas pelo mundo. No nosso terceiro bloco, o historiador Valter Pomar fala mais sobre o conflito entre Rússia e Ucrânia.
Caribe: cultura, resistência e revolução	2022	25m22s	Resgata o legado do Movimento 26 de julho e em seguida fala da Brigada Jean-Jacques Dessalines. Por fim, entrevistamos Angelo Garcia, professor voluntário da ENFF.

Mama África, a nossa mãe	2022	52m41s	Enfatiza a história de luta de Samora Machel e a resistência de Moçambique, fala da Brigada Internacionalista do MST na África e entrevista Beluce Bellucci, professor de história econômica.
Haiti, a revolução	2022	34m40s	Nesse episódio, falaremos sobre o Haiti e a revolução negra interrompida e a atual e profunda crise política, econômica e social.
Palestina vive, resiste se será livre	2023	42m29s	Neste episódio, você poderá embarcar em uma viagem à Palestina, para entender a raiz do conflito que se arrasta há décadas.
Soberania venezuelana	2024	01h07m20s	Para entender a soberania venezuelana conversamos com o dirigente João Pedro Stedile, o segundo bloco destaca momentos e figuras essenciais para a resistência popular, enquanto o terceiro bloco relata depoimentos sobre a Venezuela e os países parceiros.

Fonte: Elaboração própria baseado em dados disponibilizado pela plataforma Spotify (Internacionalizemos a luta).

O episódio intitulado como “Uni-vos”, postado em maio de 2022, iniciou suas considerações destacando as apresentadoras Carla Loop da coordenação política e pedagógica da ENFF e a Missilene, participante das missões brigadistas na Venezuela e em Cuba. No primeiro bloco, denominado como “os povos na história”, especificamente nos minutos 8:47 a 11:46, é possível analisar tais informações:

Primeiro de maio de 1886, EUA: cerca de 240 mil trabalhadores e trabalhadoras de mais de cinco mil fábricas entram em greve e saem às ruas de diversas cidades do país para protestar contra as condições de trabalhos desumanos a que eram submetidos e exigir a redução de jornada de 13 para 8 horas diárias. Primeiro de maio de 2022, após dois anos de pandemia, a classe trabalhadora internacional volta às ruas para lutar contra a precarização do trabalho, o desemprego e o retrocesso de nossos direitos, em defesa da democracia e da vida, a 130 anos da primeira manifestação do primeiro de maio no Brasil, retomamos o caráter original desse dia de luta de classes(MST, 2022).

De acordo com as falas expostas, é possível em primeiro momento determinar uma linha do tempo que se baseia no contexto histórico da luta dos trabalhadores. Aqui, o primeiro tipo de prática pedagógica predomina, já que os fatos mencionados foram citados com a intenção de contextualizar todo o processo protagonizado pela classe operária no mundo. Já no segundo bloco, denominado “Luta sem fronteiras”, é possível verificar a experiência da Emília e Durão, representantes do MST em Cuba na celebração do primeiro de maio no país. Esse bloco já traz uma visão individualizada do evento, mudando de certa forma o intuito da prática pedagógica, que se pode ser caracterizada através do terceiro tipo, como observado nos trechos 18:30 a 19:16:

As simbologias de cada setor de trabalho, estudantil, científico mostrava o quão diverso é esse povo, o quão resistente é esse povo e o quão resiliente é esse povo. Mostrava também a unidade desse povo [...] como gritaram os cubanos na marcha: “Cuba é e será um eterno maraguá, pátria ou morte venceremos”. A força desse povo, a mística, a resistência fortalece a chama da classe trabalhadora (MST, 2022).

O terceiro bloco chamado “Entendendo o hoje” contou com a participação de Valter Pomar para explicar os pontos principais do conflito entre a Rússia e a Ucrânia. O militante iniciou o bloco fazendo uma contextualização histórica acerca da relação entre Rússia e Ucrânia, mostrando que o problema entre os dois países não se iniciou na atualidade. Nesse sentido, praticamente todo o bloco gira em torno de fatos históricos, é somente nos minutos 26:58 a 27:38 que o participante expôs o seu ponto de vista:

O maior promotor de guerra do mundo é o imperialismo liderado pelo EUA, falar de paz sem falar de derrota do imperialismo, sem falar de superação do capitalismo, sem falar de derrotar os Estados Unidos é palavra vazia, na minha opinião a gente deve buscar uma solução pacífica, negociada, mas que enfraqueça a OTAN, os governos imperialistas e enfraqueça os EUA. Por isso não dá para a gente ficar com uma postura que pode ser muito bonita no terreno dos princípios, mas não enfrenta problemas (MST, 2022).

Assim, é possível observar uma mesclagem das práticas pedagógicas apresentadas no episódio, ao mesmo tempo que tem uma jornada da história que pode servir como aprendizado ou revisão de conteúdo para os que assistem, encontra-se também opiniões políticas dos militantes do Movimento, evidenciando o primeiro e o terceiro tipo de prática pedagógica como predominantes nos trechos analisados.

O episódio “Caribe: cultura, resistência e revolução”, postado em julho de 2022, trouxe temáticas voltadas para Cuba, Haiti e Colômbia. O primeiro bloco iniciou falando sobre nomes internacionais influentes como Frida Khalo e Ghassan Kanafani e datas importantes para a história global que ocorreu no mês de julho, como a queda da Bastilha, o início da guerra civil

espanhola, o triunfo da revolução sandinista Nicarágua, entre outros. Em seguida, a história acerca do Movimento 26 de julho é contada, como se observa nos minutos 4:41 a 6:07:

O ano era 1953, Cuba vivia sob a ditadura de Fulgêncio Batista, um tirano a serviço dos Estados Unidos, que mantinha o povo cubano na miséria e opressão, e o país como um cassino dos Estados Unidos. Os alvos, duas bases militares da repressão, o Quartel General de Moncada, em Santiago de Cuba, e o Quartel de Céspedes, em Bayamón. Os dois quartéis eram grandes depósitos de armas. O objetivo? Tomar as bases dos quartéis, distribuir as armas à população e iniciar a luta armada para derrubar o governo de Batista e expulsar os Estados Unidos da ilha. Os protagonistas? Diversos jovens militantes cubanos, entre eles Fidel Castro, Abel Santamaria, Aidê Santamaria e Raul Castro. O dia 26 de julho a ofensiva falhou. Foi, definitivamente, uma derrota militar [...]. Em 1954 o Movimento Revolucionário 26 de Julho, MR267. Já tem como princípio o lema, a revolução dos humildes, pelos humildes e para os humildes. Este será o conceito básico do triunfo da revolução cubana (MST, 2022).

No trecho mencionado e na exposição que se segue, compreende-se o uso do primeiro tipo de prática pedagógica no que diz respeito à demonstração da história do Movimento 26, mostrando o seu processo de criação e desenvolvimento, além de destacar a sua influência na revolução cubana. Entretanto, no primeiro bloco também destaca-se o terceiro tipo de prática pedagógica, mencionada entre os minutos 6:29 a 11:59, momentos em que as apresentadoras dão sua opinião sobre os assuntos mencionados, no minuto 08:05 a 9:07 especificamente, podemos analisar a colocação da Carla Loop:

Aqui fico lembrete e a importância do assalto e de sua consequência, a Revolução Cubana, para todos e todas nós, latino-americanos. Afinal, companheirada, imaginem só, o que seria da nossa América Latina sem Moncada e sem a Revolução Cubana? O que seria do nosso movimento sem tudo que aprendemos e recebemos dessa revolução? [...]. Imaginem mais, companheirada, o que seria do mundo sem a solidariedade cubana? Sem esse farol que nos guia e nos faz ter esperança, que nos lembra que de uma pequena derrota é possível fazer uma grande vitória e continuar sendo rebelde. Por isso, para nós, é sempre 26. É sempre 26. É sempre 26 (MST, 2022).

Ademais, já no segundo bloco, o tipo de prática permanece o terceiro, porém, com um propósito diferente. Como observado na fala de Loop, o objetivo era de expressar a posição das militantes a partir dos fatos históricos do Movimento 26, no bloco seguinte, o intuito é de mencionar as tomadas de decisões do MST na Brigada Internacional atuante no Haiti, como é possível conferir nas falas que estão inseridas nos minutos 14:14 a 15:49, mencionada pela militante do MST Jailma:

Olá, companheiros e companheiras, eu sou Jailma, do Rio Grande do Norte, faço parte da Direção Nacional do MST na tarefa do nosso Coletivo Nacional de Juventude. Estou falando aqui diretamente de Porto Príncipe [...], Nós temos

visto e escutado do povo haitiano que o Haiti vive um período muito emblemático da sua história, que é reflexo da crise estrutural do capitalismo, que vive o mundo e faz parte da estratégia imperialista de avançar com muito mais sanha e ofensivo sobre os países da América Latina, como o próprio Brasil, a Venezuela e o próprio Haiti. Está sendo uma experiência super rica, super interessante. Nós seguiremos até o final do mês, visitando várias organizações, ouvindo seu povo e aprofundando nossa visão sobre o Haiti a partir do seu próprio povo e das organizações que aqui fazem luta (MST, 2022).

Nos minutos 16:10 a 16:48, o militante Paulo Meida, outro integrante da Brigada, vai expor as atividades realizadas, mencionando a missão que estava sendo executada juntamente com a Argentina e as visitas feitas nas comunidades, outro ponto que enfatiza a prática pedagógica como meio para demonstrar as decisões do Movimento.

No terceiro bloco, o assunto estava relacionado às eleições da Colômbia e teve como convidado Angelo Garcia, militante do congresso dos povos da Colômbia que fez uma análise de conjuntura acerca da política colombiana naquele momento. Em síntese, o discurso se manteve em torno de momentos importantes para a história política da Colômbia, dos minutos 20:25 a 24:04, Angelo tenta demonstrar as possíveis mudanças que ocorreram para que Colômbia conseguisse eleger um candidato de esquerda, as transformações que essa ação pode desenvolver no continente e os desafios do partido atual. Nesse sentido, verifica-se novamente uma mudança no tipo de prática pedagógica, que agora volta para a primeira, com a intenção de demonstrar a situação da Colômbia e seus desdobramentos.

O episódio “Mama África, a nossa mãe”, lançado em setembro de 2022, trouxe no primeiro bloco a comemoração de 100 anos de Agostinho Neto e a história do líder revolucionário Samora Machel. Na ocasião, é realizada uma linha do tempo dos principais momentos da vida de Samora, explorando temas importantes que o líder deu determinada atenção, como o âmbito político, de defesa, a participação das mulheres nas lutas armadas e o racismo ocidental. Os minutos que destacam tais temáticas mistura informações históricas e opiniões das convidadas Maria Aparecida do setor de comunicação e Cássia Bechara do coletivo de relações internacionais, como exemplificado nos minutos 13:58 a 16:11:

Sabe aquele racismo travestido de estereótipo e romantização do ser africano? Que para ser africano de verdade tem que se manter na miséria, na ignorância. Você sabe quais são as características africanas? Usar pele e tanga, atravessar um pau na mão, atrás do rebanho, caprichos, gado, magrinho, com costelas, muito possível de contar, uma por uma. Ferida nos pés, nas pernas, com uma força de Cachoeiro até para a ferida que vai gotejando, mas pequena nos pés. Este é africano. São as características do africano. (MST, 2022).

Nossa, Mari, eu adoro essa fala do Machel. Eu acho impressionante, assim, porque ela é muito atual, né? Inclusive, é muito parecida com a própria visão

que as nossas elites brasileiras têm dos nossos povos indígenas, né? Se não for aquele estereótipo do povo indígena, não é indígena, e portanto... Se não tiver sainha de palha, cabelinho liso e não falar português, não é indígena e, não tem direito às suas terras, né? Tem tudo a ver com isso também (MST, 2022).

Assim, o primeiro bloco se caracteriza pela combinação do primeiro e do terceiro tipo de prática pedagógica, em que o primeiro possui o objetivo de demonstrar uma figura de importante destaque para entender o contexto africano e o segundo expressa a colocação da apresentadora acerca dos fatos mostrados.

O segundo bloco determinou algumas ações da Brigada Internacional atuante na Zâmbia, as militantes Suzy e Beth contam sobre as experiências delas como participantes da Brigada. No diálogo, a ação sobre a Frente de Saúde do Movimento expressada nos minutos 23:17 a 24:52 se destacou:

A Frente de Saúde junto ao Women's League que é o coletivo auto-organizado das mulheres do Partido Socialista iniciou uma atividade de formação e mobilização com foco na geração de renda, buscando melhorar o acesso dessas companheiras a itens básicos de higiene e ao mesmo tempo contribuir para que elas tenham um aporte em sua renda mensal [...]. Na verdade, é uma verdadeira troca de saberes, né, Susa? Estamos confeccionando sabonetes fitoterápicos, usando materiais que são acessíveis para elas, como o uso do óleo reutilizado de cozinha. As plantas medicinais que elas colhem em seu próprio quintal. As formações acontecem semanalmente com um grupo de 20 mulheres das comunidades urbanas periféricas aqui chamamos Compaldi, e que elas sejam multiplicadoras desse conhecimento em suas comunidades transformando-se em novos coletivos. Ao todo, nosso objetivo é formar 140 companheiras de 7 territórios da capital Lusaka e que essa iniciativa com certeza possa consolidar uma rede de apoio para comercializar esses sabonetes (MST, 2022).

A atividade mencionada além de enfatizar o terceiro tipo de prática pedagógica, ainda contribui para o fortalecimento da ideia de internacionalismo desenvolvido pelo Movimento. O terceiro bloco, por sua vez, teve como temática a história da África, explicada pelo professor Beluce Bellucci, que estuda a história contemporânea da África e o processo de globalização. Bellucci expõe como se dava o período dos anos 80 e 90 no continente, primeiro fazendo uma análise do passado da África e logo após retratando características políticas, sociais, geográficas e econômicas do processo de modernização. Ademais, o professor retrata as crises sofridas pelo continente e finaliza a sua fala explicando sobre as possíveis mudanças relacionadas à luta e a mobilização social, além de citar alguns autores que escreve sobre a África para um aprofundamento da temática. Nessa perspectiva, entende-se a prática pedagógica como um instrumento para conhecer a África, o que determina o primeiro tipo. No entanto, Bellucci ao decorrer de sua abordagem deixa seus pontos de vista, o que coloca em pauta também a terceira prática, assim como especificado nos minutos 17:48 a 18:30:

Os povos da África, da Ásia, da América Latina têm que se unir em associações para poder fazer frente ao capital internacional. Não há outra maneira, mais do

que nunca essa perspectiva internacionalista é fundamental. Não é para sobrepor, não é uma visão vanguardista, é o contrário: É a luta de cada camponês, de cada cooperativa, de cada movimento social específico que vai levar o seu passado, o seu presente, o seu futuro para trocar com os outros povos, é essa luta que nós temos que inserir a África também no contexto das lutas nossas aqui no Brasil (MST, 2022).

No episódio “Haiti, a revolução negra interrompida”, postado em novembro de 2022, o primeiro bloco destacou considerações sobre a revolução no Haiti argumentada por Maria Aparecida e Cássia Bechara. As convidadas iniciaram a discussão retratando as diversas facetas que a revolução teve, sendo caracterizada por diferentes guerras sociais, civis e internacionais. Com a independência em 1804, foi esclarecido a importância do Haiti naquele momento da história, a junção entre os escravos e camponeses foi crucial para a revolução acontecer, assim como exposto nos minutos 8:47 a 9:22, enquanto dos minutos 9:52 a 10:34 são destacados as maneiras de resistência usada por esse povo, que estavam pautado na dança, música, ritos e conversas. Essas informações seguem a mesma lógica do primeiro bloco apresentado nos episódios anteriores, a de apresentar o intuito de contextualizar uma luta, caracterizado pelo primeiro tipo de prática pedagógica.

O segundo bloco mostrou como se encontrava a situação do Haiti no ano de 2022, o Neno, brasileiro que vive no Haiti e trabalha no Centro Cultural do Brasil e do Haiti relata a complexidade das demandas que o país está vivendo em conjunto com as considerações da Islanda, respectivamente:

Bom, no Haiti, a situação atual, o que a gente está vendo é que também por conta da falta de combustível, nesses últimos dois meses a gente entrou numa situação de quase uma falência múltipla dos órgãos. [...] Então, você chegou num nível de falta de operacionalidade total em que você vê as pessoas já muito desesperadas também com o aumento dos preços, tendo que se virar nessa situação muito, muito, muito de uma forma solitária, sem qualquer, realmente, apoio, tanto estatal quanto de outras organizações, a maior parte já deixou também o país. (MST, 2022).

E agora o povo está na rua para se mobilizar contra o governo de direita que trabalha a serviço do Core Group e não trabalha pelos interesses do povo haitiano. Todos os movimentos sociais no Haiti e a sociedade civil estão diante de uma situação muito delicada, porque com o aumento do preço da gasolina e a falta de subvenção, fica impossível toda a compra (MST, 2022).

Aqui, determina-se uma mudança de perspectiva se comparado aos episódios anteriores, que usava do segundo bloco como uma forma de afirmar o internacionalismo do MST por meio das ações desenvolvidas em outros países. Nesse caso, os trechos destacados mostram as dificuldades que o Movimento teve para agir no país, o que enfatiza o primeiro tipo de prática pedagógica, mostrando a realidade. O terceiro bloco conta com a participação de Paulo, que utilizou dos seus minutos de fala novamente para atualizar o momento vivido pelo povo haitiano. Assim como os outros dois blocos desse episódio, esse também busca enfatizar as

dificuldades do país e expor a luta vivenciada, o que exemplifica o primeiro tipo de prática pedagógica.

Outrossim, o episódio “Palestina vive, resiste e será livre” foi publicado em novembro de 2023 e fez uma contextualização do conflito entre Israel e Palestina. O primeiro bloco contou com a participação de Nader, representante dos comitês da Palestina Democrática no Brasil, o convidado respondeu algumas perguntas feitas pelas apresentadoras como quais eram as causas estruturais do novo período de violência na faixa de Gaza e como o povo palestino enxerga o levante da resistência. Inicialmente, Nader fez uma contextualização acerca da situação Palestina nos últimos 75 anos, esclarecendo o objetivo do povo palestino e de Israel, além de também descrever o intuito do levante da resistência. Resumidamente, dos minutos 10:51 a 13:24, entende-se que a Palestina vive em uma ocupação militar organizada por Israel, que busca destruir a identidade do povo palestino.

O segundo bloco se caracterizou pela proclamação de uma adaptação do material “Diários do Apocalipse”, feito por Maria Aparecida e Cássia Bechara. A história gira em torno de alguém que vivencia a situação de guerra ocorrida na Palestina explorado nos minutos 17:12 a 27:18, a crônica de guerra destaca a opressão de Israel, o medo e pavor vivido pelo povo palestino. As reações destacadas ao decorrer dos acontecimentos na crônica é expressado de maneira tensa, como destacado nos seguintes versos:

Acordo cedo, de maneira estranha, no dia 7 de outubro. Ligo o rádio e ouço um noticiário que começa com... “Lutadores palestinos de Gaza cruzaram a fronteira para Israel”. Viro na direção do som desencarnado, tô acostumada a acordar com notícias de violência na Cisjordânia, pelo menos uma vez por semana começa assim, com uma história de ataques de colonos ou outra incursão do exército de Israel. Mas esse relato é algo diferente, e minha mente luta para compreender as palavras. Gaza? Como? Uma imagem. Uma escavadeira estoura uma cerca em torno da faixa de Gaza, vinda de Israel. E corpos passam pela abertura. Fora da câmera, um homem rouco grita em árabe. Quebrei! Deus é grande! Quebrei! Por um instante, Gaza já não significa inacessível, encurralada, inerte. Gaza. Toda minha vida esse nome tem sido uma dor. Amada e intransponível. Íntima e fora de alcance (MST, 2023).

Através dos versos mencionados, é possível compreender a problemática em relação à situação da Palestina, o que se espera desenvolver em quem escuta não somente o conhecimento do conflito, mas a capacidade de sentir empatia pelos povos palestinos, além de destacar também a importância da arte como instrumento de resistência.

No terceiro bloco, a Sana, militante da União dos comitês de trabalhadores agrícolas da Palestina residente na Cisjordânia utilizou a sua fala para atualizar sobre a Palestina. Ao decorrer de suas colocações, a militante expos em números a realidade do país, mencionando o desaparecimento de cerca de vinte quatro famílias palestinas, mais de um milhão e cem

desabrigados em Gaza e oitocentos palestinos massacrados até a data mencionada (novembro de 2023). O discurso gira em torno do relato dela e dos seus companheiros, assim como visto no bloco anterior. Sana também destaca a sua indignação sobre a incapacidade do mundo em não fazer nada a respeito, enfatizando que a democracia e os direitos humanos não parecem ser válidos quando o assunto é a Palestina, além de mencionar a gravidade da situação em relação às condições humanitárias e agradecer o apoio das organizações ao decorrer do mundo.

Nesse sentido, considerando todo o conteúdo desenvolvido no episódio, observa-se a constância do primeiro tipo de prática, visto que todas as informações mencionadas e até algumas colocações pessoais estiveram baseada na demonstração da realidade crítica vivenciada pela Palestina, cada contexto inserido, como o resumo histórico da relação entre Israel e Palestina, a arte percebida como material informativo e de resistência e as informações atuais em números e relatos visam mostrar a sociedade uma perspectiva diferente do que a mídia expôs, diminuindo o conteúdo tendencioso e objetivando o conhecimento político, social e cultural.

O episódio intitulado “Soberania Venezuelana”, publicado em 2023, falou sobre momentos cruciais na história da Venezuela. No primeiro bloco, o dirigente João Pedro Stedile abordou primeiramente sobre a história da Venezuela com o MST, especificando sua experiência nas atividades do Movimento ao longo de mais ou menos 20 anos por meio de intercâmbios, parcerias e visitas:

Bom, a partir do evento no qual eu fui apresentado ao Chávez, junto com outros, se gerou logo uma empatia. Me dei conta, claro, como testemunho, que já estava em curso um processo de mudanças, e que havia um governo comprometido com o seu povo. Na sequência, nós o convidamos para vir ao Fórum Oceano Mundial, em Porto Alegre [...], foi um ano histórico, porque o Chávez falou umas quatro horas, deu uma aula de história da América Latina, da Venezuela e foi aí que ele lançou a consigna, como eles dizem, do Socialismo XXI, do século XXI, que necessariamente tinha outras características, não era mais aquele sonho só do Che, do Fidel, enfim, lançou essa consigna [...] E daí em diante, só foi se multiplicando as experiências, muito mais que em troca de saberes. Nós sempre dizemos para a nossa militância, não vão à Venezuela ensinar ninguém, vocês vão aprender com aquele povo, que tem uma cultura, tem uma tradição (MST, 2023).

Nos minutos 13:52 a 15:30 Stedile relatou sobre as eleições da Venezuela e como a repercussão desse assunto no sistema internacional possui um vínculo com o interesse dos Estados Unidos no petróleo venezuelano. Nos minutos seguintes, é realizado uma análise de conjuntura voltado para os objetivos dos EUA em cada continente do mundo, apontando suas principais disputas, além de enfatizar o ponto de vista do Movimento contra os objetivos estadunidenses. Por fim, o dirigente falou sobre as lições que o Brasil pode tirar de algumas

ações venezuelanas, dentre elas, o processo de participação popular, o processo bolivariano e a capacidade internacionalista. Dessa forma, esse primeiro bloco faz o uso da prática pedagógica como um meio para transmitir informações sobre a Venezuela, assim como usam para expor colocações políticas do MST, intercalando entre os dois tipos de práticas.

O segundo bloco contou com a participação da Cássia, integrante do setor de internacionalismo e do Vitor, integrante do setor de comunicação, que trouxeram informações sobre a revolução bolivariana, mostrando a importância dessa revolução para o crescimento das forças de esquerda no mundo e na defesa de injustiças, como a situação de Israel e da Palestina e ao direito de autodeterminação do Saara Ocidental. Resumidamente, os convidados falaram sobre situações específicas que caracterizam cada uma dessas posições dada pela Venezuela, enfatizando o primeiro tipo de prática pedagógica, que nesse caso se baseia em notícias para mostrar a Solidariedade Internacional exercida pela Venezuela ao decorrer do processo de revolução bolivariana. Ademais, o terceiro bloco inicia noticiando sobre o reconhecimento do Haiti em relação a essa Solidariedade Internacional da Venezuela, dos minutos 14:47 a 17:40 os convidados citaram alguns projetos que justificam tal Solidariedade e afirmam a execução de uma prática com o mesmo objetivo discutido anteriormente.

Outrossim, o terceiro bloco também é realizado enfatizando a terceira prática pedagógica, ao decorrer da explicação sobre as relações da Venezuela com outros países, alguns momentos são caracterizado pela opinião dos convidados, assim como exposto nos minutos 21:36 a 22:06:

No fim das contas, eu acho que a relação entre a Venezuela e China é baseada na solidariedade. Ambos são países socialistas que tentam defender sua soberania nacional se protegendo dos destaques imperialistas, das sanções econômicas, da guerra midiática e tudo mais. Ao mesmo tempo, os dois países estão buscando caminhos para avançar um programa socialista que atenda, que realmente atenda às necessidades do povo (MST, 2024).

Ademais, nos minutos 23:05 a 29:47 o militante Maurício Arante expõe o ponto de vista sobre a missão internacionalista do povo venezuelano e a sua revolução, reforçando mais uma vez, o uso da terceira prática pedagógica no episódio.

Dado o exposto, ao considerar a análise de cada episódio, conclui-se que o MST utilizou de maneira diversificada as práticas pedagógicas, em cada episódio é possível apontar mais de uma prática com intenções e objetivos diferentes. Como determinado, o primeiro bloco de cada episódio contava majoritariamente com o primeiro tipo de prática, que apresentava a intenção de expor fatos acerca dos momentos históricos cruciais para o entendimento da luta dos povos trabalhadores no sistema internacional. O segundo bloco enfatizou principalmente o terceiro

tipo de prática pedagógica, sendo apresentadas a combinação de duas lógicas: a primeira voltada para expor o ponto de vista do MST, enquanto a segunda caracterizou as tomadas de decisões executadas pelo Movimento. O terceiro bloco associou as duas práticas, expondo tanto momentos históricos como também esclarecendo a opinião política dos militantes do acerca dos assuntos abordados.

Assim, o uso diversificado das práticas pedagógicas apresentadas por Franco (2015) ao decorrer dos episódios desenvolvido no podcast, fortaleceu o internacionalismo do Movimento no que se refere à sustentação dos meios que caracterizam a pedagogia do sistema internacional, apresentada aqui como uma forma de democratizar o acesso ao conhecimento de mundo, demonstrar o trabalho do Movimento, além de esclarecer a sua colocação social e manter as informações sobre a geopolítica internacional atualizadas, proporcionando a possibilidade de aprendizado e desenvolvimento do senso crítico no que diz respeito aos âmbitos políticos, econômicos e sociais da sociedade contemporânea.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Internacionalismo desenvolvido pelo MST foi analisado no presente estudo por meio da contextualização dos movimentos sociais, do internacionalismo e do próprio MST. Inicialmente, a análise acerca dos desdobramentos ocorridos na história dos movimentos sociais foi dividida em duas. A primeira se concretiza pelo estudo clássico, caracterizada por cinco correntes teóricas que enfatizavam a necessidade de compreender os incentivos necessários para criação e manutenção de um movimento social. Já na segunda, o estudo contemporâneo se deu a partir de três teorias responsáveis por compreender o desempenho dos diversos movimentos sociais que se formaram ao longo da história, destacados sob a perspectiva econômica, política ou cultural.

Na sequência, verificamos o contexto histórico do internacionalismo, a sua definição e a relação com o MST. Quanto a contextualização, o internacionalismo tem seu início em 1847 com a liga dos comunistas, perpassa por diversas tentativas de ser colocado em prática e apresenta uma aproximação com o sindicalismo. O segundo momento é demarcado pela separação desse internacionalismo em dois: o velho, datado de 1847 até o final da década de 1990, e o novo, iniciado nos anos 2000 até a atualidade. Nessa perspectiva, essa classificação demonstrou que as mudanças ocorridas no internacionalismo seguiu uma lógica determinada pelas transformações realizadas na sociedade, assim, ao passo em que a relação entre o nacional e o internacional e entre os movimentos operários e os outros movimentos foram se modificando, o fenômeno do internacionalismo passou por inovações para permanecer coerente e utilizável na sociedade contemporânea. O terceiro momento determinou as conexões existentes entre o internacionalismo e o MST, mostrando como os fatores históricos do Movimento se pautaram em uma base do internacionalismo operário desde a sua criação.

Nesse contexto, para responder ao questionamento principal dessa pesquisa, analisamos as atividades realizadas nas Brigadas Internacionais do Movimento e na ENFF, sendo essa segunda dividida entre as ações que estavam pautadas em visitas internacionais e nas práticas pedagógicas exercidas por meio de aulas, eventos e a criação do podcast nomeado “Internacionalizemos a luta”. Nesse sentido, através da análise de conteúdo, inferimos que a agenda exercida pelo MST se modifica de acordo com o objeto de estudo analisado.

Dessa forma, as Brigadas Internacionais pautaram suas agendas majoritariamente no princípio de Solidariedade Internacional, seja através da ajuda no âmbito econômico, de saúde, educacional ou social, o objetivo do Movimento foi auxiliar nas dificuldades dos países parceiros, se solidarizando com a luta exercida por cada um deles e agindo conforme a

necessidade. A agenda da ENFF foi determinada a partir das visitas de outros países na Escola e as práticas pedagógicas, responsáveis por fortalecer a reputação do MST no sistema internacional, além de viabilizar conteúdos de cunho global para a formação da consciência política dos seus militantes e da sociedade, caracterizando a agenda da ENFF a partir de um intercâmbio cultural e da pedagogia do sistema internacional.

Assim, é possível determinar que o MST, enquanto Movimento que luta pela transformação social, exerce o internacionalismo de forma diversificada: 1) adotando o princípio basilar do velho internacionalismo (a Solidariedade Internacional), 2) se comportando dentro dos parâmetros do novo internacionalismo quanto a sua forma de agir em relação ao sistema internacional e com outros movimentos e 3) abrangendo novas características como a pedagogia internacional e o intercâmbio cultural, que se configuram a partir da agenda realizada pela ENFF.

Por fim, conclui-se que as principais agendas que pautaram o internacionalismo do MST entre os anos de 2022 e 2025 estiveram fundamentadas nos âmbitos da economia, da saúde e da educação, como vistos nas atividades e ações realizadas nas Brigadas Internacionais e também no intercâmbio cultural e na pedagogia do sistema internacional, como analisados na ENFF. Nesse viés, os fatores mencionados contribui para uma nova perspectiva quanto ao internacionalismo, entendido aqui como um fenômeno que traz uma bagagem histórica crucial para o seu entendimento e desenvolvimento, sendo possível se adequar aos princípios e as demandas dos seus praticantes.

REFERÊNCIAS

- ALBA. Secretaria de ALBA movimientos en la Escola Nacional Florestan Fernandes. 18 out. 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DBRHU9fRz10/?igsh=MWk5bjZ2YXBjM29kNw==>. Acesso em: 09. ago. 2025.
- ANDERSON, Perry. Internacionalismo: um breviário. Anos 90, v. 12, n. 21/22, p.13-42, 2005. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/download/6367/3816/19953>. Acesso em: 08 jul. 2025.
- ANGELIS, Massino de. GLOBALIZAÇÃO, NOVO INTERNACIONALISMO E OS ZAPATISTAS. Revista Novos Rumos, n. 44, 2005. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/novosrumos/article/view/2131>.. Acesso em: 07 mar. 2025.
- ARTE!Brasileiros. *Retomar Nossa Terra: Residência artística aproxima Brasil e Indonésia*. São Paulo: ARTE!Brasileiros, 15 ago. 2025. Disponível em: <https://artebrasileiros.com.br/arte/residencias/retomar-nossa-terra-residencia-artistica-aproxima-brasil-e-indonesia/>. Acesso em: 16 ago. 2025.
- ASSOCIAÇÃO CIVIL EL PERISCOPIO. Formación de la asociación, 2003 (constituição da associação). Disponível em: <https://elperiscopio.org.ar/formacion-de-la-asociacion/>. Acesso em: 15 ago. 2025.
- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Internet Archive, 2016, p. 1-118. Disponível em: <https://share.google/okFjo4apWp7z4Fvkl>. Acesso em: 22 ago. 2025.
- BARTHOLOMEW, A.; MAYER, Margit. Nomads of the Present: Melucci's Contribution to 'New Social Movement' Theory. Theory, Culture & Society, Vol. 9, p. 141—159, 1992. Disponível em: <https://theSTACKS.libaac.de/server/api/core/bitstreams/e0e1f7b0-2381-4fca-8177-43db034a3427/content>. Acesso em: 11 jun. 2025.
- BURAWOY, Michael. Por uma Sociologia pública. Revista de Ciências Sociais, n. 25, p. 9-50, 2006. Disponível em: <https://burawoy.berkeley.edu/PS/Translations/Brazil/ASA.Portuguese.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2025.
- CALDART, Roseli. Pedagogia do Movimento Sem Terra. Editora vozes, p. 01-277, 2000. Disponível em: <https://ufrb.edu.br/educacaodocampocfp/images/livro-pedagogia-da-terra-mst.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2025.

Caribe: cultura, resistência e revolução. Carla Loop; Missilene. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4ZYa6MplwpLPPjET6V8ZWd?si=CmFLLDP1RSqZdRs6AE06TA>. Acesso em: 19 ago. 2025.

CSI. A Confederação Sindical Internacional é a voz global dos trabalhadores do mundo. Confederação Sindical Internacional, 2025. Disponível em: https://www-ituc--csi-org.translate.goog/who-we-are?_x_tr_sl=auto&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=tc. Acesso em: 15 jul. 2025.

COLETTI, Claudinei. A TRAJETÓRIA POLÍTICA DO MST: da crise da ditadura ao período neoliberalismo. Instituto de Filosofia e Ciências humanas, 2005. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=497420>. Acesso em: 18 jul. 2025.

COMPARATO BK. A ação política do MST. SciELO, p. 105-118, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/8f4fyVTD4DftydPngLdLPvP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 jul. 2025.

ENFF. A luta é internacional. São Paulo, 22 set. 2022. Instagram: @amigosenff. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Ci-qsg6uS9u/?igsh=MXg4ZHNnOXV4OTkxaA==>. Acesso em: 08 ago. 2025.

ENFF. AMÉRICA LATINA VAI RESISTIR. São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DCZntnqR8Fi/?igsh=MTd0cHR2b3pzbG9kaw==>. Acesso em 13 ago. 2025.

ENFF. AMIGOS DA ESPANHA VISITAM A ENFF. São Paulo, 24 set. 2024. Instagram: @amigosenff. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DAUJkr-vr5O/?igsh=dG56MDFhbm56MzYw>. Acesso em: 10. ago. 2025.

ENFF. ASSENTADOS PREPARAM-SE PARA CURSAR MEDICINA EM CUBA. São Paulo, 9 ago. 2024. Acesso em: 13 ago. 2025.

ENFF. ASSEMBLÉIA DE BASE NA ENFF. São Paulo, 31 maio 2025. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DKVNhivvSbB/?img_index=1&igsh=eml6aTBpNnFpdmJt. Acesso em: 15 ago. 2025.

ENFF. BRIGADA INTERNACIONALISTA NA ENFF. São Paulo, 12 jul. 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C9VmKVyrvrL/?igsh=bTk5YnVjOXhiNnBw>. Acesso em: 11 ago. 2025.

ENFF. Curso internacional de autogestão 2024. São Paulo, 19 abr. 2024. Instagram: @amigosenff. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C58QOfuupol/?igsh=M253NGdvbmw3d3Nt>. Acesso em: 08 ago 2025.

ENFF. ENFF RECEBEU A VISITA DE EDUCADORES CANADENSES NA JORNADA PAULO FREIRE. São Paulo, mar. 2023. Instagram: @amigosenff. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CqB11PGvile/?igsh=OHdpeTd2ZWQ3N2tj>. Acesso em: 10 ago. 2025.

ENFF. INTERNACIONALIZEMOS A LUTA, INTERNACIONALIZEMOS A ESPERANÇA. São Paulo, 22 jul. 2024. Instagram: @amigosenff. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C8h86P6Ptan/?igsh=MXZxcXd4bXdpcTc3eQ==>. Acesso em: 09. ago. 2025.

ENFF. Mãos de todo o mundo podem construir uma sociedade melhor. Paraná, 26 out. 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DBmeoOAhCpL/?igsh=MW4zNmxodm12dTU0YQ==>. Acesso em: 09. ago. 2025.

ENFF. O CHILENO JUAN ROSALES NA ENFF. São Paulo, 1 novo. 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DB1P9bbOeuW/?igsh=MXIyN3V6d2pzYmR1cA==>. Acesso em: 12 ago. 2025

ENFF. O internacionalismo dos povos é algo que construímos em diversas atividades da Escolas. São Paulo, 16 nov. 2022. Instagram: @amigosenff. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/ClBxd-kuj-n/?igsh=NWt3eDk0YjR1dnBh>. Acesso em: 10 ago. 2025.

ENFF. PRIMEIRA TURMA DE DOUTORADO EM DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL NA AMÉRICA LATINA E CARINE É UMA CONQUISTA PARA A CLASSE TRABALHADORA. São Paulo, 4 nov. 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DB9F954xAiv/?igsh=MTk2aTIyY244OGRmMQ==>. Acesso em: 12 ago. 2025.

ENFF. Ruth Wilson Gilmore visita nossa gloriosa ENFF. São Paulo, 11 jun. 2025. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DKwqYKuNMXx/?img_index=3&igsh=bTIzNDk3dHkxaWxt. Acesso em: 16 ago. 2025.

ENFF. São Paulo, 21 jul. 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C9s0p88vBQM/?igsh=MXexcDRhZ2Z0bWY3MQ=>. Acesso em: 11 ago. 2025.

ENFF. São Paulo, 21 nov. 2022. Instagram: @amigosenff. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/ClOnAdkrmlJ/?igsh=ZHVwNG9tZDhpM2Zk>. Acesso em: 08 ago. 2025.

ENFF. São Paulo, 20 out. 2023. Instagram: @amigosenff. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CyO9M5SPa2Q/?igsh=ZWprb211czYwOW5m>. Acesso em: 11. Ago. 2025.

ENFF. Uma jornada se inicia: etapa preparatória para medicina em Cuba. São Paulo, 15 abr. 2025. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DIeul1lPt9c/?img_index=1&igsh=MW9yYjJN2E4MGNjaA=. Acesso em: 15 ago. 2025.

ENFF. VISITA DAS MILITANTES DA REDE ESCRNET. São Paulo, 6 fev. 2024. Instagram: @amigosemff. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C3BCz11PTgE/?igsh=bGZ0NGc3OTI5M2tl>. Acesso em: 11 ago. 2025.

ESCR-Net – International Network for Economic, Social and Cultural Rights. *ESCR-Net – International Network for Economic, Social and Cultural Rights*. New York, NY: ESCR-Net, 2025. Disponível em: <https://www.escr-net.org/>. Acesso em: 27 ago. 2025.

FRANCO, Maria Amélia. Práticas pedagógicas de ensinar-aprender: por entre resistências e resignações. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 41, n. 3, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/gd7J5ZhhMMcbJf9FtKDyCTB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 ago. 2025

GOHN, Maria da Glória. Movimentos Sociais na contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação, v. 16, n. 47, 333-361, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/vXJKXcs7cybL3YNbDCkCRVp>. Acesso em: 19 fev. 2025.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais. Petrópolis Vozes, 2003. Acesso em: 06 mar. 2025.

GOHN, Maria da Glória. Teoria dos movimentos sociais. São Paulo: edições Loyola, 1997. Disponível em: <https://flacso.org.br/files/2016/10/120184012-Maria-da-Gloria-Gohn-TEORIA-DOS-MOVIMENTOS-SOCIAIS-PARADIGMAS-CLASSICOS-E-CONTEMPORANEOS-1.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2025.

Haiti, a revolução negra interrompida. Carla Loop; Missilene. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/3kBzsUJI5q9S9T0JYETbBd?si=aCnnT9DERcmyI2nYYq8h9w>. Acesso em: 18 ago. 2025.

HERBELE, Rudolf. Movimentos sociais: uma introdução à sociologia política. Nova York, Appleton-Century-Crofts, n. 1896, p. 1-504, 1951. Disponível em: <https://archive.org/details/socialmovementsi00hebe/page/346/mode/1up>. Acesso em: 06 jun. 2025.

JORNAL SEM TERRA. Sem Terra não há democracia, jornal sem terra, p. 01-19, 1985. Disponível em: <https://app.docvirt.com/hemerolt/pageid/180>. Acesso em: 20 jul. 2025.

LAZARETTI, I. K; FOLLE, M. L. O poder das coletividades na sociedade globalizada: Um olhar sobre o “poder para” nos movimentos sociais globais. Revista de Direito, v. 2, n. 1, p. 188-207, 2015. Disponível em: <https://indexlaw.org/index.php/revistadgre/article/download/693/686/1382>. Acesso em: 19 jun. 2025.

LE BON, Gustave. The Crowd: A Study of the Popular Mind By Gustave Le Bom. International Relations and Security Network, p. 1-94, 1895. Disponível em: https://www.files.ethz.ch/isn/125518/1414_LeBon.pdf. Acesso em: 05 jun. 2025.

Leite JF, Dimenstein M. Movimentos sociais e produção de subjetividade: o MST em perspectiva. SciELO, p. 269–278, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/vJYfTxWvNPL98nCCPtSftgc/abstract/?lang=pt>. Acesso em 21 jul. 2025.

LOWY, Michael. Por um novo internacionalismo. *Lutas Sociais*, n. 5, p. 97–106, 1998. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/18897>. Acesso em: 08 mar. 2025.

Mama África, a nossa mãe. Carla Loop; Missilene. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/3Hc56XPHKJnwUwkBFhsV8q?si=nRpyWcrhRm2qVrv7aQp_pg. Acesso em 22 ago. 2025.

MARTINS, José de Souza. Reforma agrária – o impossível diálogo sobre a História possível. *Tempo Social; Ver. Sociol. USP*, p. 97-128, 1999 (editado em fev. 2000). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/3cKRhQt3XTpyYLnPRQYsMFw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 23 jul. 2025.

MAURO, Gilmar. Do campo para mundo: em busca de um internacionalismo Continental para o MST –Entrevista com Gilmar Mauro. *Lutas sociais*, Denni Rubbo, n. 29, p. 21-30, 2012. Disponível em: <https://www4.pucsp.br/neils/downloads/neils-revista-29-port/deni-ireneualfaro-rubbo.pdf>. Acesso em: 07 mar. 2025.

MCCARTHY, J. D.; ZALD, M. N. Resource Mobilization and Social Movements: A Partial Theory. Tradução de: VIANA, Nildo. *Mobilização de Recursos e Movimentos Sociais: Uma Teoria Parcial*. *Revista Movimentos Sociais*, v. 2, n. 02, p. 153–209, 2017. Disponível em: <https://redelp.net/index.php/rms/article/view/864>. Acesso em: 10 jun. 2025.

MELUCCI, Alberto. A goal for social movements?. Tradução de: BASTOS, Sueli. Um objetivo para os movimentos sociais?. *Lua nova*, n. 17, 1989. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/g4ySjtRNsbjW73tXTR4VNNs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 jul. 2025.

MOURA, Antônio de Paiva. Chauvinismo, um ridículo patriotismo. *Brasil de Fato*, 23 nov. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/colunista/antonio-de-paiva-moura/2023/11/23/artigo-chauvinismo-um-ridiculo-patriotismo/>. Acesso em: 26 ago. 2025.

MST. Agroecologia na Zâmbia: diversidade e autonomia caminham juntas. *Mst*, 2023. Disponível em: <https://mst.org.br/2023/10/20/agroecologia-na-zambia-diversidade-e-autonomia-caminham-juntas/>. Acesso em: 02 ago. 2025.

MST. Brigada Dessalines lança curso de ensino do idioma espanhol no Haiti. *Mst*, 2023. Disponível em: <https://mst.org.br/2023/11/24/brigada-dessalines-lanca-curso-de-ensino-do-idioma-espanhol-no-haiti/>. Acesso em: 01 ago. 2025.

MST. Brigada do MST desenvolve produção de sementes de cenoura na Venezuela. *Mst*, 2023. Disponível em: <https://mst.org.br/2023/04/28/brigada-do-mst-desenvolve-producao-de-sementes-de-cenoura-na-venezuela/>. Acesso em: 01 ago. 2025.

MST. Brigadas internacionais. *Mst*, 2025. Disponível em: <https://mst.org.br/brigadas-internacionalistas/>. Acesso em: 07 mar. 2025.

MST. Campanha de Alfabetização do MST na Zâmbia busca alfabetizar 10 mil camponeses/as. *Mst*, 2022. Disponível em: <https://mst.org.br/2022/09/08/campanha-de->

[alfabetizacao-do-mst-na-zambia-busca-alfabetizar-10-mil-camponeses-as/](#). Acesso em: 02 ago. 2025.

MST. Campanha de alfabetização na Zâmbia realiza formatura de mais 400 estudantes. Mst, 2024. Disponível em: <https://mst.org.br/2024/04/04/campanha-de-alfabetizacao-na-zambia-realiza-formatura-de-mais-400-estudantes/>. Acesso em: 02 ago. 2025.

MST. Conheça a Escola Nacional Florestan Fernandes, há 15 anos formando militantes. Mst, 2020. Disponível em: <https://mst.org.br/2020/01/24/conheca-a-escola-nacional-florestan-fernandes-ha-15-anos-formando-militantes/>. Acesso em: 08 mar. 2025.

MST. Dia Internacional de Solidariedade ao Povo Palestino é marcado com manifestação no RS. mst, 2023. Disponível em: <https://mst.org.br/2023/12/01/dia-internacional-de-solidariedade-ao-povo-palestino-e-marcado-com-manifestacao-no-rs/>. Acesso em: 03 ago. 2025.

MST. ENFF celebra 20 anos de formação e internacionalismo de movimentos populares no mundo. mst, 2025. Disponível em: <https://mst.org.br/2025/01/23/enff-celebra-20-anos-de-formacao-e-internacionalismo-de-movimentos-populares-no-mundo/>. Acesso em: 15 ago. 2025.

MST. Em mais uma doação, MST envia 11 toneladas de alimentos para as famílias em Gaza. Mst, 2023. Disponível em: <https://mst.org.br/2023/12/07/em-mais-uma-doacao-mst-envia-11-toneladas-de-alimentos-para-as-familias-em-gaza/>. Acesso em: 03 ago. 2025.

MST. Exposição em Gana celebra 40 anos do MST e lança congresso nacional. Mst, 2024. Disponível em: <https://mst.org.br/2024/04/29/exposicao-em-gana-celebra-40-anos-do-mst-e-lanca-congresso-nacional/>. Acesso em: 02 ago. 2025.

MST. Dia da Terra Palestina: Atos no Brasil denunciam retomada de genocídio em Gaza. Mst, 2025. Disponível em: <https://mst.org.br/2025/03/28/dia-da-terra-palestina-atos-no-brasil-denunciam-retomada-de-genocidio-em-gaza/>. Acesso em: 03 ago. 2025.

MST. Dia Internacional de Solidariedade ao Povo Palestino é marcado com manifestação no RS. mst, 2023. Disponível em: <https://mst.org.br/2023/12/01/dia-internacional-de-solidariedade-ao-povo-palestino-e-marcado-com-manifestacao-no-rs/>. Acesso em: 03 ago. 2025.

MST. MST desenvolve área experimental de produção agroecológica modelo na Venezuela. Mst, 2024. Disponível em: <https://mst.org.br/2024/10/25/mst-desenvolve-area-experimental-de-producao-agroecologica-modelo-na-venezuela/>. Acesso em: 16 ago. 2025.

MST. MST estima doar 100 toneladas de alimentos para vítimas em Gaza. Mst, 2023. <https://mst.org.br/2023/11/01/mst-estima-doar-100-toneladas-de-alimentos-para-vitimas-em-gaza/>. Acesso em: 03 ago. 2025.

MST. MST na Venezuela e também no teatro: Festival Internacional de Teatro Progressista 2025. Mst, 2025. Disponível em: <https://mst.org.br/2025/05/04/mst-na-venezuela-e-tambem-no-teatro-festival-internacional-de-teatro-progressista-2025/>). Acesso em: 01 ago. 2025.

MST. Movimento Sem Terra participa da comemoração de 50 anos de movimento camponês do Haiti. Mst, 2023. Disponível em: <https://mst.org.br/2023/08/12/movimento-sem-terra-marca-presenca-nas-celebracoes-dos-50-anos-do-movimento-campones-haitiano/>. Acesso em: 01 ago. 2025.

MST. MST promove evento em homenagem à cultura e resistência palestina. mst, 2024. Disponível em: <https://mst.org.br/2024/11/28/mst-promove-evento-em-homenagem-a-cultura-e-resistencia-palestina/>. Acesso em: 02 ago. 2025.

MST. Na Zâmbia, epidemia de cólera evidência Estado omissivo e ações populares em saúde. Mst, 2024. Disponível em: <https://mst.org.br/2024/01/26/na-zambia-epidemia-de-colera-evidencia-estado-omisso-e-acoes-populares-em-saude/>. Acesso em 02 ago. 2025.

MST. Neste 15/5 vamos às ruas contra a limpeza étnica e o genocídio do povo palestino!. Mst, 2024. Disponível em: <https://mst.org.br/2024/05/15/neste-15-5-vamos-as-ruas-contr-a-limpeza-etnica-e-o-genocidio-do-povo-palestino/>. Acesso em: 03 ago. 2025.

MST. O MST: Nossa história. Mst, 2025. Disponível em: <https://mst.org.br/nossa-historia/88-93/>. Acesso em: 08 mar. 2025.

MST. O internacionalismo é parte da formação histórica da juventude do MST. Mst, 2019. Disponível em: <https://mst.org.br/2019/08/08/o-internacionalismo-e-parte-da-formacao-historica-da-juventude-do-mst/>. Acesso em: 18 fev. 2025.

MST. Partido Socialista da Zâmbia e Brigada do MST realizam nova ação da Clínica Móvel de Saúde Popular. Mst, 2024. Disponível em: <https://mst.org.br/2024/06/06/partido-socialista-da-zambia-e-brigada-do-mst-realizam-nova-acao-da-clinica-movel-de-saude-popular/>. Acesso em: 02 ago. 2025.

MST. Quem somos. Mst, 2025. Disponível em: <https://mst.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 15 fev. 2025.

MST. São Paulo, 20 abr. 2023. Instagram: @movimentosemterra. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/CrRkkQIAf_Q/?igsh=bWhnOWc1dndtNHEw. Acesso em: 10 ago. 2025.

OFFE, Claus. Partidos Políticos y Nuevos Movimientos Sociales. Madrid: Editorial Sistema, 1996.

Palestina vive, resiste e será livre. Carla Loop; Missilene. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/7uejH9QP69MxYURXYmmjXS?si=y53Y_JOSQq18xWBpgST9A. Acesso em: 21 ago. 2025.

PERLI, Fernando. INTERNACIONALISMO EM QUESTÃO: rede de solidariedade em jornais e Cadernos do MST (1984-1986). Revista Eletrônica História em Reflexão: Vol. 7 n. 13, UFGD, 2013. Disponível em: <chrome-native://pdf/link?url=content%3a%2F%2Fmedia%2Fexternal%2Fdownloads%2F100012404>. Acesso em: 19 jul. 2025.

PUREZA, José Manuel. Para um internacionalismo pós-vestifaliano. Edições Afrontamento, p. 01-35, 2001. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/13278>. Acesso em: 10 jul. 2025.

SANTOS, Boaventura; COSTAS, Hermes. Introdução: para ampliar o Cânone do internacionalismo Operário. Uc.pt, p. 17-61, 2004. Disponível em: https://www.ces.uc.pt/publicacoes/res/pdfs/Introducao_Trabalhar_o_Mundo.pdf Acesso em: 08 mar. 2025.

SILVER, Beverly. WORKERS' MOVEMENTS AND GLOBALIZATION SINCE 1870. CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, p. 01-258, 2003. Disponível em: [https://files.libcom.org/files/Beverly_J._SilverForces_of_Labor_Workers%27_Movements_and_Globalization_Since_1870_\(Cambridge_Studies_in_Comparative_Politics\)_-Cambridge_University_Press\(2003\).pdf](https://files.libcom.org/files/Beverly_J._SilverForces_of_Labor_Workers%27_Movements_and_Globalization_Since_1870_(Cambridge_Studies_in_Comparative_Politics)_-Cambridge_University_Press(2003).pdf). Acesso em: 16 jul. 2025.

MST. Soberania alimentar e outra lógica de produção: MST começa trabalho nas terras no Sul da Venezuela baseado na agrofloresta. Mst, 2025. Disponível em: <https://mst.org.br/2025/04/14/soberania-alimentar-e-outra-logica-de-producao-mst-comeca-trabalho-nas-terras-no-sul-da-venezuela-baseado-na-agrofloresta>. Acesso em: 01 ago. 2025.

Soberania venezuelana. Carla Loop; Missilene. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1RakhlruFemxESlrAe0vsU?si=6Rv1mkvpSI-YxCHfqgsiJg>. Acesso em: 23 ago. 2025.

TARROW, Sidney. Power in Movement Social Movements and Contentious Politics. Cambridge University Press, p. 01-454, 1994. Disponível em: <https://voidnetwork.gr/wp-content/uploads/2016/09/Power-in-Movement.-Social-movements-and-contentious-politics-by-Sidney-Tarrow.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2025.

TOURAINÉ, Alain. Na fronteira dos movimentos sociais. Sociedade e Estado, v. 21, n. 1, p. 17-28, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/3QY76c7QYKM6NjnjXV5y7Wk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 mai. 2025.

WATERMAN, Peter. O internacionalismo sindical na era de Seattle. Revista Crítica de Ciências Sociais, 2002. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/artigos/62/RCCS62-033-068-Peter%20Waterman.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2025.

Taring Padi. *About Taring Padi*. Yogyakarta, Indonesia: Taring Padi, 21 dez. 1998. Disponível em: <https://www.taringpadi.com/?lang=en>. Acesso em: 18 ago. 2025.

TOURAINÉ, Alain. Na fronteira dos movimentos sociais. Sociedade e Estado, v. 21, n. 1, p. 17-28, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/3QY76c7QYKM6NjnjXV5y7Wk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 mai. 2025.

Uni-vos. Carla Loop; Missilene. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/2g62JEPYVgheA3koEmba7f?si=cGt8ApvbQjSt7QMsMj_eng&context=spotify%3Ashow%3A4gktfXWTqSQYZ6wtfIsNUv. Acesso em: 20 ago. 2025.